

capustan  
saga do império malazano / livro cinco  
steven erikson

Tradução de Susana Clara



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para R. S. Lundin

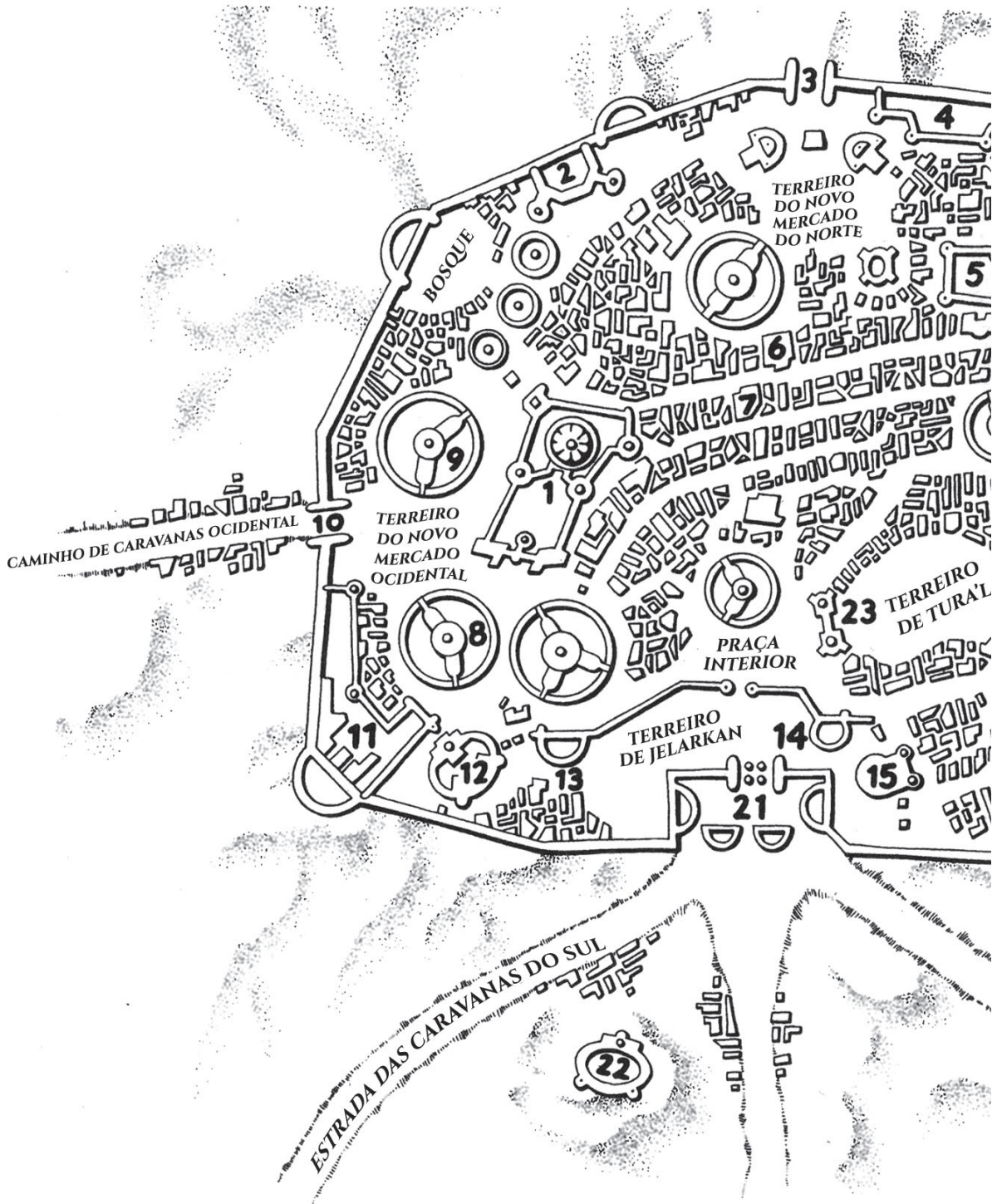


## AGRADECIMENTOS

Expresso a minha gratidão às seguintes pessoas pelo seu apoio e amizade: Clare Bowen, Mark, David, Chris, Rick, Cam, Courtney; Susan e Peter, David Thomas Sr. e David Thomas Jr., Harriet, Chris, Lily, Mina e Smudge; Patrick Walsh, Simon e Jane. Agradeço também a David Holden e à sua amável equipa do Pizza Place, pela mesa e pelos reabastecimentos. E ainda a John Meaney, pelos repugnantes pormenores sobre sementes mortas.







# CAPUSTAN

## GENABACKIS ORIENTAL



- 1 CATIVEIRO
- 2 CASA LEKTAR
- 3 PORTÃO NORTE
- 4 AQUARTELAMENTO NORTE
- 5 AQUARTELAMENTO INTERIOR
- 6 PROPRIEDADE DE BAUCHELAIN
- 7 APARTAMENTO DE GRUNHIDO
- 8 CASTRO TULAR
- 9 CASTRO SENAR
- 10 PORTÃO OCIDENTAL
- 11 AQUARTELAMENTO OCIDENTAL
- 12 TORRE JHEBAR



- 13 TORRE INTERIOR OCIDENTAL
- 14 TORRE INTERIOR ORIENTAL
- 15 TORRE NE'ROK
- 16 CEMITÉRIOS
- 17 AQUARTELAMENTO DOS ESPADAS CINZENTAS
- 18 PALÁCIO DE JELARKAN
- 19 REDUTO DA GUARDA ORIENTAL
- 20 PORTÃO ORIENTAL
- 21 PORTÃO SUL
- 22 REDUTO DA GUARDA SUL
- 23 ARCO





## PERSONAGENS

### **Os Caravaneiros**

*Grunhido* — Um guarda da caravana  
*Ardósia Menackis* — Uma guarda da caravana  
*Harllo* — Um guarda da caravana  
*Buke* — Um guarda da caravana  
*Bauchelain* — Um explorador  
*Korbal Broach* — O parceiro silencioso de Bauchelain  
*Emancipor Reese* — Um servo  
*Keruli* — Um comerciante  
*Marble* — Um feiticeiro

### **Em Capustan**

*Brukhalian* — Espada Mortal da Revelação de Fener  
(Espadas Cinzentas)  
*Itkovian* — Escudo da Bigorna da Revelação de Fener  
(Espadas Cinzentas)  
*Karnadas* — Representante mortal da Revelação de Fener  
(Espadas Cinzentas)  
*Recruta Velbara* — Espada Cinzenta  
*Sargento-mor Norul* — Espada Cinzenta  
*Farakalian* — Espada Cinzenta  
*Nakalian* — Espada Cinzenta  
*Torun* — Espada Cinzenta  
*Sidlis* — Espada Cinzenta  
*Nilbanas* — Espada Cinzenta  
*Jelarkan* — Príncipe e regente de Capustan  
*Arard* — Príncipe e regente na ausência de Coral  
*Rath'Fener* — Sacerdote do Consílio da Máscara  
*Rath'Trono Sombrio* — Sacerdote do Consílio da Máscara  
*Rath'Rainha dos Sonhos* — Sacerdotisa do Consílio da Máscara  
*Rath'Encapuzado* — Sacerdote do Consílio da Máscara

*Rath'D'rek* — Sacerdote do Consílio da Máscara  
*Rath'Trake* — Sacerdote do Consílio da Máscara  
*Rath'Cresta* — Sacerdotisa do Consílio da Máscara  
*Rath'Togg* — Sacerdote do Consílio da Máscara  
*Rath'Fanderay* — Sacerdotisa do Consílio da Máscara  
*Rath'Dessembrae* — Sacerdotisa do Consílio da Máscara  
*Rath'Oponn* — Sacerdote do Consílio da Máscara  
*Rath'Beru* — Sacerdote do Consílio da Máscara

### **Exército de Umbrão**

*Dujek Umbrão* — Comandante do exército malazano renegado  
*Whiskeyjack* — Segundo no comando do exército malazano renegado  
*Enviesado* — Comandante dos moranthianos negros  
*Artanthos* — Porta-estandarte do exército malazano renegado  
*Barack* — Um oficial de ligação  
*Hareb* — Capitão de ascendência nobre  
*Ganoes Paran* — Capitão dos Queimadores de Pontes  
*Inquieto* — Sargento, Sétimo Pelotão, Queimadores de Pontes  
*Seletora* — Cabo, Sétimo Pelotão, Queimadores de Pontes  
*Detoran* — Soldado, Sétimo Pelotão  
*Spindle* — Mago e escavador, Sétimo Pelotão  
*Mescla* — Soldado, Sétimo Pelotão  
*Marreta* — Curandeiro, Nono Pelotão  
*Azarve* — Escavador, Nono Pelotão  
*Trote* — Soldado, Nono Pelotão  
*Ben Ligeiro* — Mago, Nono Pelotão  
*Sem-Intento* — Cabo, Queimadores de Pontes  
*Bucklund* — Sargento, Queimadores de Pontes  
*Raquítico* — Escavador, Queimador de Pontes  
*Húmus* — Curandeiro, Queimador de Pontes  
*Pérolazul* — Mago, Queimador de Pontes  
*Fuste* — Mago, Queimador de Pontes  
*Pezinhos* — Mago, Queimador de Pontes

### **Exército de Brood**

*Caladan Brood* — Senhor da guerra do exército de libertação  
de Genabackis  
*Anomander Rake* — Senhor da Cria da Lua

*Kallor* — Alto-rei, segundo em comando de Brood  
*Mhybe* — Líder das tribos rhivi  
*Raposa Prateada* — Uma rhivi renascida  
*Korlat* — Uma soletaken tiste andii  
*Orfantal* — Irmão de Korlat  
*Hurlochel* — Cavaleiro de escolta do exército de libertação  
*Bruxa* — Um Grande Corvo e serva de Anomander Rake

### **Os barghastianos**

*Humbrall Taur* — Caudilho da tribo dos Cara-Branca  
*Hetan* — Filha de Humbrall Taur  
*Cafal* — Primeiro filho de Humbrall Taur  
*Netok* — Segundo filho de Humbrall Taur

### **Os enviados de Darujhistan**

*Coll* — Um embaixador  
*Estraysian d'Arle* — Um conselheiro  
*Barak* — Um alquimista  
*Kruppe* — Um cidadão  
*Murillio* — Um cidadão

### **Os t'lan imass**

*Kron* — Líder dos Kron T'lan Imass  
*Cannig Tol* — Chefe tribal  
*Bek Okhan* — Um Invocador de Ossos  
*Pran Chole* — Um Invocador de Ossos  
*Okral Lom* — Um Invocador de Ossos  
*Bendal Home* — Um Invocador de Ossos  
*Ay Estos* — Um Invocador de Ossos  
*Olar Ethil* — A primeira Invocadora de Ossos e a primeira soletaken  
*Tool, o Despojado* — Outrora Primeira Espada  
*Kilava* — Invocadora de Ossos renegada  
*Lanas Tog* — Dos Kerluhm T'lan Imass

### **O Domínio Pannion**

*Vidente* — Profeta que governa o Domínio  
*Ultentha* — Heptarca de Coral  
*Kulpath* — Heptarca do exército sitiante

*Inal* — Heptarca de Lest  
*Anaster* — Descendente Tenescowri da Semente Morta  
*Sicário Kahlt*

**Outros**

*Kʼrul* — Um Deus Ancestral  
*Draconus* — Um Deus Ancestral  
*Irmã das Noites Frias* — Uma Deusa Ancestral  
*Lady Invidia* — Uma habitante de Morn  
*Gethol* — Um arauto  
*Treach* — Primeiro Herói (o Tigre do Verão)  
*Jovem Toc* — Aral Fayle, batedor malazano  
*Garath* — Um cão grande  
*Baaljagg* — Uma loba ainda maior  
*Mok* — Um seguleh  
*Thurule* — Um seguleh  
*Senu* — Um seguleh  
*O Acorrentado* — Um ascendente desconhecido  
(também conhecido como o Deus Estropiado)  
*A Bruxa de Tennes*  
*Munug* — Artesão de Daru  
*Talamandas* — Um espantalho barghastiano  
*Ormulogun* — Pintor do exército de Umbrago  
*Gumble* — Crítico de Ormulogun  
*Haradas* — Mestre caravaneira da Guilda de Comércio  
de Trygalle  
*Azra Jael* — Marinheiro do exército de Umbrago  
*Bagatela* — Um dissonante de Mott  
*Terçol* — Um dissonante de Mott  
*Cepo* — Um dissonante de Mott  
*Jib Bole* — Um dissonante de Mott

LIVRO TRÊS

CAPUSTAN



O último Espada Mortal da Revelação de Fener foi Fanald de Cawn Vor, que morreu durante o Acorrentamento. O último Representante do Javali foi Ipshank de Koreli, que desapareceu durante a Última Fuga de Manask nos campos de gelo de Stratem. Outro esperava reclamar o título mas foi expulso do templo antes de o conseguir, e o nome desse homem foi apagado de todos os registos. Contudo, sabe-se que ele era oriundo de Unta; que começara a sua carreira como ladrão nas ruas sujas daquela cidade, e que a expulsão do templo foi marcada pela peculiar punição da Revelação de Fener...

*Vida nos Templos*  
Birrin Thund



## CAPÍTULO CATORZE

Caros amigos, se puderem, não vivam durante um cerco.

Ubilast (o Pernetá)

**A** estalagem que dominava a esquina sudeste da antiga Rua Daru não tinha mais do que meia dúzia de clientes, a maioria visitantes da cidade que, tal como Grunhido, estavam agora presos. Os exércitos pannionitas que cercavam as muralhas de Capustan não tinham agido durante cinco dias e assim continuavam. O capitão de caravana ouvira que tinham sido avistadas nuvens de poeira além da cordilheira a norte, a sinalizar... algo. Mas isso fora há alguns dias e nada acontecera.

Do que é que o Heptarca Kulpath estava à espera ninguém sabia, embora houvesse muita especulação. Tinham sido vistas a atravessar o rio mais barcaças que transportavam tenescowri, até parecer que metade da população do império se tinha juntado ao exército de camponeses. «Com números como esses», dissera alguém meia hora antes, «o que sobra de cada cidadão de Capustan mal dá para a cova de um dente.» Grunhido fora praticamente o único a apreciar a piada.

Ele estava sentado numa mesa perto da entrada, de costas para a ombreira da porta de vigas duplas e mal rebocada, a porta estava à sua direita, a sala principal de teto baixo ficava à sua frente. Um rato caminhava pelo chão de terra sob as mesas, correndo de sombra para sombra, deslizando por entre os sapatos ou as botas de qualquer cliente que estivesse no seu caminho. Grunhido observava os seus progressos com os olhos semicerrados. Ainda havia muita comida para ser descoberta na cozinha — ou pelo menos era isso que o nariz do animal lhe dizia. Grunhido sabia muito bem que aquela recompensa não duraria se o cerco se prolongasse.

O seu olhar ergueu-se para a viga principal que atravessava a sala, onde dormia o gato da estalagem, as pernas pendendo da viga mestra. O felino caçava apenas nos seus sonhos, pelo menos de momento.

O rato chegou ao rodapé do balcão, bamboleou-se paralelo a ele em direção à entrada da cozinha.

Grunhido bebeu outra golada de vinho aguado — mais água do que vinho ao fim de quase uma semana de estrangulamento da cidade por parte dos pannionitas. Os outros seis clientes estavam sentados sozinhos, cada um a uma mesa, ou encostados ao balcão. De vez em quando trocavam algumas palavras entre si, alguns comentários desconexos, normalmente respondidos com pouco mais do que um resmungo.

No intervalo de um dia e de uma noite, a estalagem ficara povoada por dois tipos de pessoas, como Grunhido observava. Os que estavam diante dele agora viviam praticamente na sala comum, zelando pelo seu vinho e pela sua cerveja. Eram forasteiros e aparentemente sem amigos, no entanto tinham conseguido desenvolver uma espécie de comunidade entre eles, caracterizada pela enorme habilidade de não fazerem nada juntos durante largos períodos de tempo. Quando a noite caía, o outro tipo começava a reunir-se. Ruidosos, tempestuosos, atraindo as prostitutas de rua para o interior da estalagem com as suas moedas, que deixavam cair em cima das mesas sem pensarem no amanhã. A sua energia era desesperada, uma falsa saudação ao Encapuzado. *Nós somos teus, meu cabrão ceifador*, pareciam dizer. *Mas só depois da alvorada!*

Eles agitavam-se como um mar de espuma em volta das rochas imóveis e silenciosas que eram os clientes sem amigos.

*O mar e as rochas. O mar celebra nas barbas do Encapuzado assim que ele se aproxima. As rochas já fitaram o cabrão nos olhos durante tanto tempo que já nem se incomodam em mexer-se, quanto mais celebrar. O mar ri-se ruidosamente das suas próprias piadas. As rochas proferem tiradas sucintas capazes de silenciar uma sala. Uma tirada capan...*

*Para a próxima mordo a minha língua.*

O gato levantou-se na trave, espreguiçando-se, as suas riscas negras ondulando no pelo pardo. Inclinou a cabeça para baixo com as orelhas espetadas.

O rato estava à beira da entrada da cozinha, paralisado.

Grunhido assobiou baixinho.

O gato olhou para ele.

O rato correu rapidamente para dentro da cozinha e desapareceu de vista.

Com um rangido sonoro, a porta da estalagem abriu-se. Buke entrou, passou em frente de Grunhido e depois deixou-se cair na cadeira ao lado dele.

— Tu és bastante previsível — murmurou o homem idoso, pedindo mais duas bebidas quando o empregado olhou para ele.

— Sim — retrucou Grunhido. — Eu sou uma rocha.

— Uma rocha, hã? És mais uma iguana gorda agarrada a uma rocha. E quando a maré subir...

— Que seja. Encontre-me, Buke. O que queres?

— Só queria agradecer-te a tua ajuda, Grunhido.

— Isso foi uma ironia subtil, velho? Tens de a aperfeiçoar um bocadinho...

— Na verdade, eu estava quase a falar a sério. Aquela água lamacenta que me fizeste beber, a mistura de Keruli, fez maravilhas. — O seu rosto estreito revelou um sorriso ligeiramente dissimulado. — Maravilhas...

— Fico contente por estares melhor. Mais alguma novidade bombástica? Senão...

Buke inclinou-se para trás quando o empregado trouxe as duas canecas, depois, quando o homem se afastou, disse:

— Encontrei-me com os anciões dos castros. Ao princípio queriam ir falar diretamente com o príncipe...

— Mas depois ganharam juízo.

— Com um pouco de estímulo.

— Então agora tens toda a ajuda de que precisas para evitar que o eunuco insano brinque ao porteiro do Portão do Encapuzado. Ótimo. Não pode haver pânico nas ruas, com um quarto de milhão de pannionitas a cercar a cidade.

Os olhos de Buke estreitaram-se sobre Grunhido.

— Achei que irias apreciar a calma.

— Assim é muito melhor.

— Continuo a precisar da tua ajuda.

— Não percebo para quê, Buke. A não ser que queiras que eu mande a porta abaixo e arranque a cabeça do Korbal Broach de cima dos seus ombros. Nesse caso tens de distrair o Bauchelain. Pega-lhe fogo ou algo do género. Só preciso de um instante. É claro que a escolha do momento é muito importante. Digamos quando as muralhas forem quebradas e houver tenescowri a enxamearem as ruas. Assim podemos ir ao encontro do Encapuzado de mãos dadas e a cantarolar uma alegre modinha.

Buke sorriu por detrás da sua caneca.

— Parece-me bem — disse ele, e depois bebeu.

Grunhido emborcou a sua caneca e pegou na nova.

— Sabes onde é que podes encontrar-me — disse passado um momento.

— Até a maré subir.

O gato saltou da viga, deu um pulo para diante, aprisionou uma barata entre as suas patas e começou a brincar com ela.

— Muito bem — resmungou o capitão de caravana passado um momento —, que mais é que queres dizer-me?

Buke encolheu os ombros casualmente.

— Ouvi dizer que a Ardósia se voluntariou. Os últimos rumores dizem que os pannionitas estão finalmente prontos para o primeiro assalto, a qualquer momento.

— O primeiro? O mais certo é só precisarem de um. Quanto a estarem preparados, estão prontos há vários dias, Buke. Se a Ardósia quer desperdiçar a vida dela a defender o indefensável, isso é lá com ela.

— Qual é a alternativa? Os pannionitas não fazem prisioneiros, Grunhido. Mais cedo ou mais tarde, todos teremos de lutar.

*Isso é o que tu pensas.*

— A não ser — continuou Buke passado um momento, enquanto erguia a sua caneca — que estejas a pensar mudar de lado. Encontrar a fé como uma questão de conveniência...

— E há outra forma?

Os olhos do homem idoso endureceram.

— Enchias a tua barriga com carne humana, Grunhido? Apenas para sobreviver? Farias isso, não farias?

— Carne é carne — replicou Grunhido com os olhos postos no gato. Um estalido suave anunciou que a brincadeira acabara.

— Bom — disse Buke levantando-se —, julgava que não eras capaz de me chocar. Pensava que te conhecia...

— Pensaste.

— Então este é o homem pelo qual Harllo deu a sua vida.

Grunhido ergueu a cabeça lentamente. O que quer que tenha sido que Buke viu nos olhos dele fê-lo dar um passo atrás.

— Com que castro é que estás a trabalhar neste momento? — perguntou o capitão de caravana calmamente.

— Uldan — sussurrou o homem idoso.

— Eu procuro-te. Entretanto, Buke, desaparece da minha frente.

As sombras tinham recuado através de quase todo o complexo, deixando Hetan e o seu irmão, Cafal, em plena luz do sol. Os dois barghastianos estavam

agachados num tapete desgastado e desbotado com as cabeças baixas. O suor, escurecido com cinzas, pingava de ambos. Entre os dois havia um braseiro largo e raso, empoleirado em três pernas de ferro e cheio de carvões ardentes.

Soldados e mensageiros da corte fluíam em redor deles por todos os lados.

O Escudo da Bigorna Itkovian estudava os irmãos de onde estava parado perto da entrada do quartel-general. Ele não sabia que os barghastianos eram um povo apaixonado pela meditação; contudo, parecia que Hetan e Cafal tinham feito pouco mais do que isso desde que tinham regressado do Cativoiro. Jejuando, pouco comunicativos, inconvenientemente acampados no centro do aquartelamento, tinham feito de si próprios uma ilha inacessível.

*A calma deles não é uma calma mortal. Eles viajam por entre os espíritos. Brukhalian exige que eu encontre um meio de me aproximar... de qualquer forma. Será que Hetan ainda tem mais algum segredo? Um meio de fuga para ela, para o seu irmão, e para os ossos dos Espíritos Fundadores? Uma fraqueza desconhecida na nossa defesa? Uma falha na investida dos pannionitas?*

Itkovian suspirou. Ele já tentara, sem sucesso. Iria tentar agora novamente. Quando se preparava para dar um passo em frente, sentiu uma presença a seu lado e voltou-se dando de caras com o príncipe Jelarkan.

O rosto do jovem estava profundamente marcado pela exaustão. As suas mãos elegantes, de dedos compridos, tremiam, apesar de estarem entrelaçadas logo acima do cinto da sua veste. O seu olhar estava fixo na atividade rodopiante do complexo quando disse:

— Escudo da Bigorna, tenho de saber o que é que Brukhalian está a planear. Ele tem aquilo que vocês soldados chamam trunfo na manga, isso é claro. Assim vim, mais uma vez, à procura de uma audiência com o homem que emprego. — Ele não fez qualquer esforço para esconder a amargura sardónica daquela frase. — Sem qualquer proveito. O Espada Mortal não tem tempo para mim. Não tem tempo para o príncipe de Capustan.

— Senhor — disse Itkovian —, pode colocar-me a mim as suas perguntas, e farei tudo o que estiver ao meu alcance para lhe responder.

O jovem capan voltou-se para o Escudo da Bigorna.

— Brukhalian deu-te autorização para falares?

— Deu.

— Muito bem. O Kron T'lan Imass e os seus lobos mortos-vivos. Eles destruíram os demónios K'Chain do Heptarca.

— Sim, destruíram.

— No entanto, o Domínio Pannion tem mais. Tem centenas.

— Tem.

— Então porque é que os t'lan imass não invadem o império? Um assalto ao território do Vidente pode levar à retirada das forças sitiadas de Kulpath. O Vidente não teria outra opção a não ser fazê-los recuar através do rio.

— Se os t'lan imass fossem um exército mortal, a escolha seria de facto óbvia, e consequentemente benéfica para as nossas próprias necessidades — retorquiu Itkovian. — Infelizmente, Kron e os seus mortos-vivos estão ligados por exigências sobrenaturais, sobre as quais não sabemos praticamente nada. Falaram-nos de uma reunião, uma conjuração silenciosa com propósitos desconhecidos. Neste momento, isso tem prioridade sobre tudo o resto. Kron e os t'lan ay destruíram os K'Chain Che'Malle do Heptarca porque a sua presença era considerada uma ameaça direta à reunião.

— Porquê? Essa explicação não é suficiente, Escudo da Bigorna.

— Não discordo da sua opinião, senhor. Parece haver outra razão para a relutância de Kron em marchar para sul. Um mistério relacionado com o próprio Vidente. Parece que a palavra «Pannion» é de origem jaghut. Como sabe, os jaghut eram os inimigos mortais dos t'lan imass. A minha opinião pessoal é que Kron aguarda a chegada de... aliados. Outros t'lan imass que estarão presentes nessa iminente reunião.

— Estás a sugerir que Kron tem receio do Vidente Pannion...

— Sim, na sua crença de que o Vidente é jaghut.

O príncipe ficou em silêncio durante um momento, depois abanou a sua cabeça.

— Mesmo que os t'lan imass decidam marchar contra o Domínio Pannion, a decisão chegará demasiado tarde para nós.

— É o que parece.

— Muito bem. Agora, outra pergunta. Porque é que esta reunião vai decorrer *aqui*?

Itkovian hesitou, depois lentamente assentiu para si próprio.

— Príncipe Jelarkan, aquele que convocou os t'lan imass está a aproximar-se de Capustan... na companhia de um exército.

— De um exército?

— Um exército que marcha para travar uma guerra contra o Domínio Pannion; na verdade, com o propósito adicional de mitigar o cerco a Capustan.

— *O quê?*

— Senhor, eles estão a cinco semanas de distância.

— Nós não conseguimos resistir...

— Essa verdade é conhecida, príncipe.

— E esse conjurante comanda esse exército?

— Não. O comando é repartido por dois homens. Caladan Brood e Dujek Umbrão.

— Dujek... *Alto Punho Umbrão*? O malazano? Deus nas profundezas, Itkovian! Há quanto tempo é que sabes isso?

O Escudo da Bigorna pigarreou:

— O contacto preliminar foi estabelecido há algum tempo. Através de caminhos da feitiçaria. Desde então estes tornaram-se intransitáveis...

— Sim, sim, sei isso. Continua, raios te partam.

— A presença do conjurante entre o exército deles foi uma notícia que só nos foi revelada recentemente, pelo Invocador de Ossos do Kron T'lan Imass...

— O exército, Itkovian! Conta-me mais sobre esse exército!

— Dujek e as suas legiões foram proscritos pela Imperatriz Laseen. Eles estão agora a atuar independentemente. Os seus números talvez cheguem aos dez mil. Caladan Brood tem sob o seu comando uma série de companhias mercenárias, três clãs barghastianos, a nação rhivi e os tiste andii. O número total de combatentes é de trinta mil.

Os olhos do príncipe Jelarkan estavam arregalados. Itkovian viu a informação penetrar nas defesas internas do homem, observou uma multitude de esperanças a florescer e depois a murchar numa rápida sucessão.

— À primeira vista — disse o Escudo da Bigorna calmamente — tudo o que lhe disse parece ter uma importância vital. No entanto, vejo que agora compreende que na verdade é tudo insignificante. Cinco semanas, príncipe. Deixe-os com a vingança deles, se quiser, pois é tudo o que conseguirão. Mesmo assim, tendo em conta os seus números limitados...

— Essas são conclusões de Brukhalian ou tuas?

— Lamento dizer mas são dos dois.

— Seus tolos — grunhiu o jovem. — Seus malditos tolos.

— Senhor, nós não conseguimos resistir aos pannionitas durante cinco semanas.

— Eu sei isso, caramba! A questão que se coloca agora é: porque é que tentamos?

Itkovian franziu a testa.

— Senhor, era esse o contrato. A defesa da cidade...

— Idiota! O que é que me importa o vosso maldito contrato? Vocês já chegaram à conclusão de que vamos fracassar de qualquer forma! A minha preocupação é com a vida do meu povo. Esse exército vem de oeste? Deve vir. A marchar ao longo do rio...



— Nós não conseguimos passar, príncipe, seríamos aniquilados.

— Vamos concentrar tudo a oeste. Uma saída súbita que se transformará num êxodo. Escudo da Bigorna...

— Vamos ser chacinados — interrompeu Itkovian. — Senhor, nós pensamos nessa hipótese. *Não vai funcionar.* As alas de cavaleiros do Heptarca irão cercar-nos, e obrigar-nos a parar. Depois chegarão os beklites e os tenescowri. Iríamos trocar uma posição defensável por uma indefensável. Tudo estaria terminado em meia hora.

O príncipe Jelarkan olhou para o Escudo da Bigorna com indisfarçável desprezo, e, na verdade, ódio.

— Informa Brukhalian do seguinte — grunhiu ele. — De hoje em diante, não faz parte das funções dos Espadas Cinzentas pensarem pelo príncipe. Não é incumbência deles decidirem o que o príncipe precisa ou não de saber. O príncipe deve ser informado de todos os assuntos, independentemente de vocês os acharem relevantes ou não. Está entendido, Escudo da Bigorna?

— Transmitirei as suas palavras com precisão, senhor.

— Devo presumir — continuou o príncipe — que o Consílio da Máscara sabe ainda menos do que eu sabia há meia hora.

— Essa seria uma suposição correta. Senhor, os interesses deles...

— Poupa-me a mais opiniões eruditas, Itkovian. Bom dia.

Itkovian observou o príncipe a afastar-se, em direção à saída do complexo, o seu andar era demasiado rígido para ser régio. *Contudo, a sua maneira é nobre. Tem o meu arrependimento, caro príncipe, embora eu não me atreva a expressá-lo. Eu represento a vontade do Espada Mortal. Os meus próprios desejos são irrelevantes.* Ele afastou a onda de raiva pungente que se erguia por baixo destes pensamentos e voltou o seu olhar para os dois barghastianos que ainda estavam sentados no tapete.

O transe desfez-se. Hetan e Cafal estavam agora inclinados para o braseiro, de onde se erguiam espirais tortuosas de fumo branco para o ar iluminado pelo sol.

Perplexo, Itkovian demorou um momento a dar um passo em frente.

Quando se aproximava, viu um objeto que fora colocado no carvão do braseiro. Tingido de vermelho nas bordas, achatado e de um branco leitoso no centro. Uma omoplata recente, demasiado leve para pertencer a um bhederin, contudo mais fina e mais longa do que a de um humano. Talvez fosse a espádua de um veado ou de um antílope. Os barghastianos tinham começado a adivinhação, empregando o objeto que dava significado ao nome tribal dos seus xamãs.

*Então eram mais do que apenas guerreiros. Eu devia ter adivinhado. O cântico de Cafal no Cativoiro. Ele é um ombreiro e Hetan é a sua contraparte feminina.*

Ele parou logo depois da orla do tapete, ligeiramente à esquerda de Cafal. A espádua já começara a rachar. A gordura borbulhava ao longo das grossas bordas do osso, chiava e ardia como um anel de fogo.

A adivinhação mais simples era a interpretação das fendas como se fossem um mapa, uma forma de encontrar manadas selvagens para os caçadores das tribos. Itkovian sabia que naquele momento a feitiçaria em curso era muito mais complexa, as fendas eram mais do que um simples mapa do mundo físico. O Escudo da Bigorna manteve-se em silêncio, tentando perceber a conversa murmurada entre Hetan e o seu irmão.

Eles falavam barghastiano, uma língua sobre a qual Itkovian tinha muito poucos conhecimentos. O mais estranho era a conversa parecer ter três intervenientes, os irmãos inclinavam as suas cabeças ou assentiam às respostas que apenas eles conseguiam ouvir.

Naquele momento, a espádua era um labirinto de fendas, o osso tinha uma coloração azul, bege e branco-calcinado. Não demoraria muito até começar a desfazer-se, à medida que o espírito da criatura se comesse a render ao poder esmagador que fluía através da força vital que se desvanecia.

O estranho diálogo terminara. Quando Cafal entrou novamente em transe, Hetan recostou-se, olhou para cima e cruzou o seu olhar com o de Itkovian.

— Ah, lobo, ainda bem que te vejo. Houve mudanças no mundo. Mudanças surpreendentes.

— E essas mudanças são do teu agrado, Hetan?

Ela sorriu.

— Ficarias contente se fossem?

*Deixo-me atrair por este precipício?*

— Essa possibilidade existe.

A mulher riu-se e levantou-se lentamente, fazendo uma careta quando esticou os seus membros.

— Que os espíritos me levem, doem-me os ossos. Os meus músculos clamam por mãos carinhosas.

— Há exercícios que podes fazer...

— E achas que não sei, lobo? Juntas-te a mim em tais esforços?

— Hetan, que novidades tens?

Ela sorriu ironicamente com as mãos nas ancas.

— Pelo Abismo — disse ela lentamente —, és desajeitado. A tarefa de que te incumbiram foi renderes-te a mim e descobrires todos os meus segredos? É um jogo que deves ter cautela em jogar. Principalmente comigo.

— Talvez tenhas razão — disse ele, levantando-se e afastando-se.

— Calma, homem! — Hetan riu-se. — Foges como um coelho? E chamo-te eu lobo? Devia mudar esse epíteto.

— A escolha é tua — respondeu ele por cima do ombro enquanto se afastava.

O riso dela soou por trás dele novamente.

— Ah, agora este é um jogo que vale a pena jogar! Vai lá então, querido coelho! Minha presa esquivava, ah, ah!

Itkovian voltou a entrar no quartel-general, percorreu o corredor que contornava a muralha exterior até chegar à entrada da torre. A sua armadura abanava e tinha à medida que ele subia os íngremes degraus de pedra. Tentou afastar as imagens de Hetan, o seu rosto risonho e luminoso, os olhos que dançavam, os veios de suor que lhe escorriam da testa através da camada de cinzas, a sua postura, as costas arqueadas, o peito projetado para diante num convite deliberado e provocador. Estava agastado com o renascimento dos desejos há muito esquecidos, que agora o atormentavam. Os seus votos estavam a desmoronar-se, as suas orações a Fener encontravam apenas silêncio, como se o seu deus fosse indiferente aos sacrifícios que Itkovian fizera em seu nome.

*Talvez essa seja a derradeira e mais devastadora verdade. Os deuses não dão importância às imposições ascéticas ao comportamento dos mortais. Não dão importância às regras de conduta, à retorcida moralidade de sacerdotes e dos monges dos templos. Na verdade, talvez se riam das correntes com que nos prendemos, da nossa contínua e insaciável necessidade de encontrar falhas dentro das exigências da vida. Ou talvez não se riam, mas se encolerizem connosco. Talvez a nossa negação da celebração da vida seja o nosso maior insulto àqueles que veneramos e servimos.*

Ele chegou à sala de armas no cimo das escadas circulares, acenou distraidamente com a cabeça aos dois soldados que ali estavam destacados e em seguida subiu as escadas que levavam ao telhado.

O Representante já lá estava. Karnadas estudava Itkovian à medida que o Escudo da Bigorna se aproximava.

— O seu semblante é um semblante perturbado, senhor.

— Sim, não o nego. Tive uma conversa com o príncipe Jelarkan que terminou com ele bastante descontente. Posteriormente falei com Hetan. Representante, a minha fé está a ser atacada.

— Questiona os seus votos?  
— Questiono, senhor. Admito que duvido da sua veracidade.  
— Escudo da Bigorna, tem sido sua convicção que as suas regras de conduta existiam para apaziguar Fener?

Itkovian franziu a testa enquanto se encostava na ameia e olhava para os campos inimigos envoltos em fumaça.

— Bom, sim...

— Então tem vivido num equívoco, senhor.

— Elucide-me, por favor.

— Muito bem. O senhor sentiu uma necessidade de se acorrentar, uma necessidade de impor à sua alma restrições como aquelas definidas pelos seus votos. Por outras palavras, Itkovian, os seus votos nasceram de um diálogo consigo mesmo, não com Fener. As correntes são suas, assim como também possui as chaves que as destrancam quando elas já não forem necessárias.

— Já não forem necessárias?

— Sim. Quando tudo o que envolve viver deixar de ser uma ameaça para a sua fé.

— Está então a sugerir que a minha crise não é com a minha fé mas com os meus votos. Que eu confundi a distinção.

— Foi o que eu disse, Escudo da Bigorna.

— Representante — disse Itkovian com os olhos ainda fixos nos acampamentos do Domínio Pannion —, as suas palavras abrem portas a um dilúvio carnal.

O sumo-sacerdote desatou a rir.

— Esperamos que com ele o colapso dramático da sua disposição soturna!

Itkovian contorceu a boca.

— Agora está a falar de milagres, senhor.

— Eu esperaria...

— Espere. — O Escudo da Bigorna levantou uma mão coberta por uma manopla. — Há movimento entre os beklites.

Karnadas juntou-se a ele, subitamente sério.

— E ali — apontou Itkovian —, o exército urdo com escaramuçadores scalandi nos flancos. Os sicários estão a movimentar-se para posições de comando.

— Eles vão atacar os redutos primeiro — vaticinou o Representante.  
— O Consílio da Máscara vangloriou-se de ter os gidrath nos seus bastiões. Isso pode dar-nos mais tempo...

— Procure o meu corpo de mensageiros, senhor. Alerta os oficiais e avise o príncipe.

— Com certeza, Escudo da Bigorna. Vai ficar aqui?

Itkovian assentiu.

— É um ponto estratégico valioso. Vá lá, senhor.

As tropas beklite estavam a agrupar-se em volta do bastião gidrath no campo de batalha. As pontas das lanças brilhavam à luz do sol.

Sozinho naquele momento, os olhos de Itkovian estreitaram-se enquanto ele observava os preparativos.

— Ah, bem, já começou.

As ruas de Capustan estavam silenciosas, praticamente vazias por baixo de um céu sem nuvens, enquanto Grunhido caminhava em direção à Viela Calmanark. Chegou à muralha curva do castro independente conhecido como Ulden, atravessou o lixo que atafulhava a escada que conduzia a um nível inferior ao da rua e bateu pesadamente com o punho na porta sólida recortada nas fundações da parede.

Passado um momento, a porta rangeu quando se abriu.

Grunhido entrou para um corredor estreito, o chão era uma rampa com uma inclinação acentuada que conduzia novamente ao nível da rua vinte passos mais à frente, onde a luz do sol brilhava, revelando um circular pátio central.

Buke fechou a porta maciça atrás de si, lutando com o peso da tranca quando a baixou para a encaixar nas frestas. O homem magro e grisalho voltou-se para Grunhido.

— Foste rápido. Então?

— O que achas? — resmungou o capitão de caravana. — Tem havido movimentações. Os pannionitas estão a organizar-se. Há mensageiros por todo o lado...

— Em que muralha é que estavas?

— A norte, ao lado da Casa Lektar, como se isso fizesse alguma diferença. E tu? Esqueci-me de te perguntar antes. O bastardo andou à caça pelas ruas ontem à noite?

— Não. Já te disse, os castros estão a ajudar. Julgo que ele ainda está a tentar perceber porque é que voltou de mãos a abanar na noite de anteontem. Isso deixou-o agitado, o bastante para Bauchelain reparar.

— Não são boas notícias. Ele vai começar a sondar, Buke.

— Sim. Eu disse-te que haveria riscos, não disse?

*Sim, tentar impedir que um assassino insano encontre vítimas, sem que ele repare, com um cerco prestes a ter início... Que o Abismo te leve, Buke, para o que é que me estás a tentar arrastar?* Grunhido olhou para a rampa.

— A ajudar, disseste tu. Como é que os teus novos amigos estão a lidar com isto?

O velho encolheu os ombros.

— Korbal Broach prefere recolher órgãos saudáveis para as suas experiências. São as crianças deles que estão risco.

— O risco seria menor se não soubessem de nada.

— Eles têm consciência disso.

— Disseste crianças?

— Sim, temos pelo menos quatro pequenos vigilantes na casa a todas as horas. Diabretes sem abrigo, há muitos verdadeiros e eles conseguem misturar-se. Também estão atentos ao céu... — ele parou abruptamente, e um olhar furtivo surgiu nos seus olhos.

Grunhido percebeu que o homem tinha um segredo.

— No céu? Para quê?

— Hã, para o caso de Korbal Broach optar pelos telhados.

*Numa cidade de cúpulas bastante afastadas umas das outras?*

— Onde eu queria chegar — continuou Buke — é que temos a casa vigiada. Felizmente, Bauchelain ainda está encafuado na adega, que ele transformou numa espécie de laboratório. Ele nunca sai. E Korbal dorme durante o dia. Grunhido, o que eu disse anteriormente...

Grunhido interrompeu-o, erguendo a mão bruscamente.

— Escuta — disse ele.

Os dois homens ficaram imóveis.

Um ribombar distante por baixo dos pés deles, um rugido que se elevava lentamente além das muralhas da cidade.

Empalidecendo lentamente, Buke praguejou e perguntou:

— Onde é que está a Ardósia? E nem vale a pena dizer-me que não sabes.

— No Portão da Estrada do Porto. Cinco pelotões de Espadas Cinzentas, uma companhia de gidrath, e mais ou menos uma dúzia de guardas lestarianos...

— É mais audível ali...

Franzindo o sobrolho, ele grunhiu.

— Ela calculou que iria ter início naquele portão. Mulher idiota.

Buke aproximou-se e agarrou-lhe o braço.

— Então porque é que — sibilou ele —, em nome do Encapuzado, ainda aqui estás? O assalto começou e a Ardósia meteu-se lá no meio!

Grunhido libertou o braço.

— Não me venhas com cantigas, velho. Ela já é adulta, sabias? Eu disse-lho e *disse-te a ti!* Esta guerra não é minha!

— Isso não vai impedir os tenescowri de te arrancarem a cabeça!

Com um sorriso desdenhoso, Grunhido afastou Buke da frente da porta. Agarrou a barra pesada com a mão direita, com um único impulso levantou-a das frestas e deixou-a cair com um clangor que ecoou pelo corredor. Abriu a porta e baixou-se para entrar na escada.

O clamor do assalto tornou-se um rugido ensurdecido assim que ele chegou à rua e ficou parado na viela. Por entre o estrépito surdo das armas havia gritos, berros, e aquele indefinível calafrio titubeante que provinha dos milhares de corpos couraçados em movimento — no exterior das muralhas, ao longo das ameias, de ambos os lados do portão — que ele sabia que deviam estar a gemer sob os repetidos impactos dos aríetes.

Finalmente, o cerco tinha desembainhado as suas armas afiadas. A espera acabara.

*E eles não vão conseguir defender aquelas muralhas. Nem os portões. Isto estará terminado ao anoitecer.* Pensou embebedar-se, e sentiu-se confortado pela sensação familiar daquele pensamento.

A sua atenção foi atraída por um movimento por cima dele. Ergueu o olhar e viu, vinda de oeste, meia centena de bolas de fogo a rasgar o céu. As chamas explodiram dentro do seu campo de visão e mais além quando os mísseis atingiram os edifícios e as ruas com grande impacto.

Voltou-se e viu uma segunda vaga, vinda de norte, uma das bolas tornava-se maior do que as outras. Cada vez maior, um sol furioso que voava precisamente na direção dele.

A praguejar, Grunhido mergulhou novamente pela escada abaixo.

A massa de alcatrão atingiu a rua, ressaltou no meio de uma tempestade de fogo e atingiu a parede curva do castro a menos de dez passos de um dos lados da escada.

O núcleo de pedra perfurou a parede e arrastou as chamas consigo.

Choveu cascalho na rua em chamas.

Magoado, um pouco ensurdecido, Grunhido subiu a escada. Vinham gritos do interior do castro uldan. O fumo erguia-se do buraco. *Aquelas malditas coisas são armadilhas de fogo.* Ele voltou-se quando a porta ao fundo

da escada se abriu com estrondo. Buke apareceu a arrastar uma mulher inconsciente.

— Qual é a gravidade? — gritou Grunhido.

Buke olhou para cima.

— Ainda aí estás? Estamos bem. O fogo já está quase extinto. Desaparece daqui, foge e esconde-te, ou algo assim.

— Boa ideia — rosnou ele.

O fumo cobria o céu, erguendo-se em colunas negras de todo o lado leste de Capustan, espalhando-se numa cortina à medida que o vento o empurrava em direção a oeste. As chamas eram visíveis do quarteirão daru, por entre os templos e os edifícios. Considerando que a área que estaria mais a salvo dos mísseis flamejantes seria a que se encontrava mais perto das muralhas, Grunhido desceu a rua em direção a este. *É apenas coincidência que a Ardósia esteja lá à frente, no Portão da Estrada do Porto. Ela fez as suas escolhas.*

*Caramba, esta luta não é nossa. Se eu quisesse ser soldado, tinha-me juntado ao exército do maldito Encapuzado. Que o Abismo os carregue a todos...*

Uma outra vaga vinda das catapultas distantes abriu caminho por entre o fumo. Ele acelerou o passo, mas as bolas de fogo já tinham passado por ele, descendo sobre o coração da cidade e aterrando com um rufar contínuo. *Se eles continuarem com isto, é provável que eu me irrite.* Mais adiante, vultos corriam por entre o fumo. O som de armas a colidirem era mais alto, sussurrando como ondas a escoriar uma praia de seixos. *Muito bem. Vou só procurar o portão e tirar a moça de lá. Não vai demorar muito. O Encapuzado sabe que se ela resistir eu a deixo inconsciente. Nós vamos encontrar uma forma de sair daqui, ponto final.*

Ele aproximou-se das traseiras da fila das bancas do mercado que ficava defronte da Rua do Porto Interior. As vielas por entre as bancas decrépitas eram estreitas e estavam atafalhadas de lixo que chegava à altura dos joelhos. A rua do outro lado estava oculta por uma parede de fumo. Abrindo caminho por entre o lixo, Grunhido chegou à rua. O portão, indistinto, ficava à sua esquerda. As portas maciças estavam estraçalhadas, a passagem e a soleira estavam repletas de corpos. Das torres quadradas que flanqueavam a abertura — as suas laterais enegrecidas mostravam marcas brancas feitas por flechas oblíquas, virotes e disparos das balistas — saía fumo das seteiras. Gritos e o choque de espadas ecoavam dentro delas. Ao longo das plataformas de ambos



os lados da muralha, soldados com a indumentária dos Espadas Cinzentas forçavam a passagem para os pisos superiores das torres.

Grunhido ouviu o som de passos fortes que se aproximavam da sua direita. Meia dúzia de pelotões de Espadas Cinzentas emergiram do fumo, as duas fileiras da frente vinham armadas com espadas e escudos, as duas fileiras de trás traziam as bestas já armadilhadas. Passaram em frente do capitão de caravana e assumiram posições por detrás da pilha de corpos caídos ao pé do portão.

Um vento instável varreu o fumo ao longo da rua à direita de Grunhido, revelando mais corpos — capanthall, lestarianos e betaklites do Domínio Pannion, continuando pela rua abaixo até à barricada do cruzamento a sessenta passos de distância, onde havia mais um monte de soldados chacinados.

Grunhido correu em direção aos Espadas Cinzentas. Não descortinando ninguém que se destacasse como oficial, dirigiu-se à mulher besteiro que estava mais próxima de si.

— Qual é a situação, soldado?

Ela olhou para ele, o seu rosto era uma máscara insípida e sem expressão coberta de fuligem, e ele ficou surpreendido ao constatar que ela era capan.

— Estamos a libertar as torres até ao topo. Deve haver outra investida em breve, vamos deixá-los passar e depois defendemos a passagem.

Ele olhou para ela. *Investida? Deuses, eles perderam o juízo!*

— Defender, disseste. — Ele olhou para a passagem em arco. — Durante quanto tempo?

Ela encolheu os ombros.

— Temos escavadores a caminho com equipas de trabalho. Dentro de trinta minutos ou uma hora já teremos um portão novo.

— Quantas brechas? O que é que se perdeu?

— Não sei dizer-te, cidadão.

— Chega de tagarelice — gritou uma voz masculina. — E tirem esse civil daqui...

— Movimento adiante, senhor! — gritou outro soldado.

As bestas estavam a postos por cima dos ombros dos espadachins que estavam agachados.

Alguém gritou do lado de fora da passagem:

— Guarda Lestariana, não disparem! Vamos entrar!

Não houve uma descontração evidente entre os Espadas Cinzentas. Pouco depois surgiram os primeiros elementos da investida. Feridos, maltratados e a transportarem os feridos, os soldados de infantaria vestidos com

pesadas armaduras começaram a gritar para que os Espadas Cinzentas abrissem caminho.

Os pelotões que aguardavam separaram-se para formar um corredor.

Cada lestariano entre os primeiros trinta que passaram transportava um camarada ferido. Para lá da entrada, o som da batalha atraiu a atenção de Grunhido. Estava a aproximar-se. Havia uma guarda à retaguarda a proteger aqueles que transportavam os feridos, e a pressão sobre ela estava a aumentar.

— Contra-ataquem! — gritou alguém. — Escaramuçadores scalandi...

Uma trompeta gemeu do alto da muralha à direita da torre sul.

O bramido aumentava no campo de batalha além da entrada. As pedras por baixo das botas de Grunhido tremeram. *Scalandi. Eles atacam em legiões de não menos de cinco mil...*

Fileiras de Espadas Cinzentas reuniam-se mais abaixo na Rua do Porto Interior, espadachins, besteiros e arqueiros capanthall compunham uma linha de defesa. Uma companhia ainda maior reunia-se por detrás deles, juntamente com balistas, trabucos e mangonéis — os últimos com os seus baldes de cascalho escaldante a fumegarem como caldeirões.

A guarda da retaguarda entrou na passagem. Lanças passaram por entre eles, raspando nas armaduras e nos escudos, apenas uma atingindo o alvo, fazendo o soldado rodopiar quando a haste farpada lhe trespassou o pescoço. Os primeiros scalandi do Domínio Pannion apareceram, ágeis, de camisa e capacete de couro, a brandirem lanças e espadas saqueadas, alguns com escudos de vime, investindo contra a linha de defesa da infantaria pesada lestariana, morrendo um após outro, contudo continuavam a surgir outros, vociferando um estridente grito de guerra.

— Afastem-se! Afastem-se!

A ordem berrada teve um efeito instantâneo, quando a Guarda Lestariana da retaguarda subitamente deixou de combater, se voltou rapidamente e correu pelo corredor, deixando os seus feridos para trás, para serem reclamados pelos scalandi, e arrastados para fora de vista. Em seguida, os escaramuçadores fervilharam pela passagem.

A primeira linha dos Espadas Cinzentas reagrupou-se após a passagem dos lestarianos. As bestas estalaram. Dezenas de scalandi caíram, os seus corpos retorcidos dificultavam os esforços dos que vinham atrás. Grunhido viu os Espadas Cinzentas recarregarem as suas armas calmamente.

Alguns dos escaramuçadores da linha da frente chegaram perto dos espadachins mercenários e foram sumariamente abatidos.

Uma segunda vaga, que passou por cima dos seus patrícios, investiu na direção da linha da frente.

Eles pereceram sob uma outra chuva de viotes. A passagem enchia-se de corpos. A turba seguinte de scalandi que apareceu estava desarmada. Enquanto os Espadas Cinzentas recarregavam as suas bestas novamente, os escaramuçadores começaram a arrastar os seus mortos e moribundos através da passagem.

A porta da torre à esquerda abriu-se violentamente, assustando Grunhido. Ele rodopiou, as suas mãos procuraram os seus cutelos de Gadrobi, e viu meia dúzia de capanthall aparecerem, a tossir, sujos de sangue. Entre eles estava Ardósia Menackis.

O seu florete estava partido a um palmo da ponta; o resto da arma, incluindo o punho e as guardas projetadas, estava repleto de sangue humano, assim como a sua mão enluvada e o antebraço coberto pelo avambrço. Algo escorregadio e viscoso que pendia da lâmina fina da adaga canhota que empunhava na outra mão pingava uma lama castanha. A sua dispendiosa armadura de couro estava desfeita, um corte transversal penetrara suficientemente fundo para trespassar a camisa acolchoada que trazia por baixo. O couro e o tecido tinham caído deixando à mostra o seu seio direito, a pele branca e macia evidenciava contusões feitas pela mão de alguém.

Ela não o viu imediatamente. O seu olhar estava fixo na passagem, onde os últimos cadáveres tinham sido retirados e desaguava uma nova vaga de scalandi. Tal como anteriormente, as primeiras fileiras sucumbiram aos viotes, mas os atacantes que sobreviveram investiram, uma turba frenética e ululante.

As quatro linhas de Espadas Cinzentas separaram-se novamente, rodopiaram e correram, cada metade dirigindo-se apressadamente para a viela mais próxima em ambos os lados da Rua do Porto, onde os arqueiros capanthall aguardavam por uma linha de visão desimpedida sobre os perseguidores scalandi.

Ardósia vociferou uma ordem aos seus poucos camaradas, e o pequeno pelotão recuou paralelo à parede. Foi então que ela viu Grunhido.

Os seus olhares fixaram-se um no outro.

— Chega aqui, meu boi! — sibilou ela.

Grunhido correu até junto deles.

— Pelos tomates do Encapuzados, mulher, o que...

— O que é que achas? Eles caíram em cima de nós, passaram pelo portão, subiram às torres, treparam pelas malditas muralhas. — A cabeça dela deu

solavanco para trás, como se tivesse sofrido um golpe invisível. Uma calma fria tomou conta dos olhos dela. — Foi sala a sala. Corpo a corpo. Um sicário encontrou-me... — outro estremecimento atravessou-lhe o corpo. — Mas o cabrão deixou-me viva, então eu persegui-o. Vá, vamos embora! — Ela apontou bruscamente a sua adaga canhota na direção de Grunhido enquanto corriam, salpicando-lhe o peito e o rosto de bÍlis e merda aguada. — Eu rasguei-o de um lado ao outro, e caramba como ele suplicou. — Ela cuspiu. — Não foi bom para mim... porque deveria ser para ele? Que idiota. Um patético, choramingas...

Correndo atrás dela, Grunhido demorou um momento a perceber o que é que ela estava a dizer. *Oh, Ardósia...*

Os passos dela abrandaram subitamente, o seu rosto empalideceu. Ela voltou-se e olhou nos olhos dele com uma expressão de horror.

— Era suposto isto ser uma batalha. Uma guerra. Aquele cabrão... — ela encostou-se à muralha. — *Deuses!*

Os outros continuaram o seu caminho, demasiado atordoados para repararem, ou talvez demasiado entorpecidos para se importarem.

Grunhido colocou-se ao lado dela.

— Cortaste-o de um lado ao outro, foi o que disseste? — perguntou ele suavemente, sem se atrever a aproximar-se ou a tocar-lhe.

Ardósia assentiu, os olhos cerrados, a sua respiração saía em arquejos ásperos e dolorosos.

— Deixaste algum bocadinho para mim, moça?

Ela abanou a cabeça.

— É uma pena. Por outro lado, um sicário é tão bom como qualquer outro.

Ardósia deu um passo em frente e pressionou o rosto contra o ombro dele. Grunhido abraçou-a.

— Vamos embora daqui, moça — murmurou ele. — Eu tenho um quarto limpo, com uma bacia, um fogão e um jarro de água. Um quarto que fica suficientemente perto da muralha norte para ser seguro. E fica no fim de um corredor. Só há uma forma de entrar. Eu vou ficar de guarda à porta, Ardósia, o tempo de que precisares. Ninguém passará. Prometo-te. — Ele sentiu-a assentir e inclinou-se para lhe pegar ao colo.

— Eu consigo andar.

— Mas *queres*, moça? Essa é a questão.

Passado um longo momento, ela abanou a cabeça.

Grunhido ergueu-a com facilidade.

— Dorme se quiseres — disse ele. — Estás em segurança.

Ele começou a caminhar, contornando a muralha com a mulher aninhada no seu colo, o rosto dela pressionado contra a sua túnica, o tecido áspero a ficar mais húmido naquele local.

Por detrás deles, os *scalandi* morriam às centenas, os Espadas Cinzentas e os *capanthall* infligiam uma chacina terrível.

Ele queria estar lá ao pé deles. Na linha da frente. Tirando vida atrás de vida.

Um sicário não era suficiente. Mil sicários não seriam suficientes.

*Agora não.*

Ele sentiu-se a gelar, como se o sangue dentro de si se tivesse transformado noutra coisa, fluindo num rasto amargo ao longo das suas veias, estendendo-se para encher os seus músculos com uma força estranha e inexorável. Ele nunca sentira nada assim, mas não conseguia pensar naquilo. Não havia palavras para o descrever.

Nem, como ele descobriria muito em breve, havia palavras para descrever no que ele se transformaria e o que faria.

O massacre dos *K'Chain Che'Malle* por parte dos *Kron T'lan Imass* e dos lobos mortos-vivos desorientara o *Heptarca* e as suas forças, tal como *Brukhalian* previra. A confusão e a imobilidade que isso gerara adicionara dias aos preparativos do Escudo da *Bigorna Itkovian* para o cerco que se avizinhava. Contudo, agora, o tempo para se prepararem terminara, e *Itkovian* estava encarregado do comando das defesas da cidade.

Não haveria nenhum *t'lan imass*, nem nenhum *t'lan ay*, para vir ajudá-los. *E nenhum exército de auxílio chegaria quando o último grão de areia escoasse pela ampulheta.* *Capustan* estava entregue a si própria.

*E assim será. Medo, angústia e desespero.*

Da sua posição no topo da torre mais alta da Muralha do Aquartelamento, depois de o Representante *Karnadas* se ter retirado e a corrente de mensageiros ter iniciado o seu fluxo frenético, ele observava as primeiras movimentações concertadas das tropas inimigas a leste e a sudeste, o aparecimento ribombante das armas de cerco.

*Beklites* e *betaklites*, com armaduras mais fortes, posicionavam-se em frente do Portão do Porto, rodeados por uma massa de *scalandi*. Grupos de tropas de choque dos sicários, e escavadores *desandi* apressados, posicionavam cada vez mais armas de cerco. E, aguardando em enormes e

extensos acampamentos ao longo do rio e da costa, a fervilhante massa de tenescowri.

Ele assistira ao assalto à fortificação exterior do reduto da guarda oriental dos gidrath, já isolado e cercado pelo inimigo; vira a porta estreita ser estilhaçada e os beklites a forçarem a entrada na passagem. Três passos, dois passos, um, depois um impasse, e momentos depois um passo atrás, depois outro, corpos sendo arrastados. Cada vez mais corpos. Os gidrath — a guarda de elite do Consílio da Máscara — tinham revelado a sua disciplina e determinação. Tinham rechaçado os intrusos e erguido outra barricada para substituir a porta.

Os beklites que estavam no exterior afastaram-se durante algum tempo e depois tornaram a atacar.

A batalha continuou durante a tarde; contudo, cada vez que Itkovian afastava a sua atenção de outros acontecimentos, constatava que os gidrath ainda resistiam. Fazendo dezenas de vítimas entre as tropas inimigas. *Torcendo aquele espinho entre as tropas do Heptarca.*

Por fim, perto do anoitecer, as armas de cerco foram trazidas para mais perto. Pedregulhos enormes foram arremessados contra as muralhas da fortaleza. Os repetidos abalos continuaram à medida que o dia desvanecia.

Além deste drama secundário, o assalto às muralhas da cidade começara por todos os lados. O ataque a norte revelara-se uma manobra de diversão, mal executada e rapidamente reconhecida como insignificante. Os mensageiros transmitiram ao Escudo da Bigorna que uma incursão similar estava em curso na muralha oeste.

Os verdadeiros ataques eram dirigidos às muralhas a sul e a este, concentrando-se nos portões. Itkovian, posicionado mesmo por entre eles, conseguia supervisionar as defesas de ambos os lados. O inimigo conseguia vê-lo, e mais do que um projétil fora disparado na sua direção, mas apenas alguns tinham chegado perto. Este era apenas o primeiro dia. O alcance e a precisão iriam melhorar nos dias que se seguiriam. Dentro de pouco tempo ele poderia ter de abandonar aquele ponto estratégico; entretanto deixaria que a sua presença zombasse dos atacantes.

Quando os beklites e betaklites se precipitaram para as muralhas, com os desandi que transportavam as escadas entre eles, Itkovian deu a ordem de contra-ataque a partir das muralhas e das torres. A carnificina que se seguiu foi horrível. Os atacantes não se tinham preocupado com qualquer tipo de proteção, e assim morreram em quantidade assombrosa.

No entanto, eram em tal número que os portões foram alcançados, os

aríetes foram usados e a invasão efetuada. Contudo, depois de os pannionitas terem forçado a entrada através das passagens, deram por si em terrenos abertos que se tornaram campos de matança à medida que os Espadas Cinzentas e os capanthall lançavam um fogo cruzado fulminante por detrás das barricadas que bloqueavam as ruas laterais, os cruzamentos e as entradas das vielas.

A estratégia de defesa estratificada do Escudo da Bigorna estava a provar ser mortalmente eficaz. Os contra-ataques subsequentes foram tão eficazes que tinham permitido investidas para lá dos portões, uma perversa perseguição aos pannionitas em fuga. Pelo menos durante aquele dia, nenhuma das companhias que ele enviara para o exterior fora demasiado longe. A disciplina reinava entre as companhias capanthall, lestarianas e coralessianas.

O primeiro dia terminara e pertencia aos defensores de Capustan.

As pernas de Itkovian tremiam, a brisa costeira secava-lhe o suor do rosto, enviando sopros frescos através da grelha da meia viseira para lhe aliviar os olhos avermelhados pelo fumo. À medida que a escuridão se fechava à sua volta, ele ouvia o impacto das rochas no reduto da Guarda Oriental, e voltou-se pela primeira vez em horas para observar a cidade.

Havia quarteirões inteiros em chamas, os fogos estendiam-se para o céu noturno, iluminando a parte inferior de um túrgido dossel de fumo espesso. *Eu sabia o que iria ver. Então porque me choca? Porque me rouba o sangue das veias?* Sentindo-se fraco subitamente, encostou-se à ameia por detrás de si, uma mão espalmada contra a pedra áspera.

Uma voz elevou-se das sombras da porta da torre.

— Precisa de descansar, senhor.

Itkovian fechou os olhos.

— Representante, tem razão naquilo que diz.

— Mas não haverá descanso — prosseguiu Karnadas. — A outra metade da força atacante está a reunir-se. Podemos esperar investidas durante a noite.

— Eu sei, senhor.

— Brukhalian...

— Sim, tem de ser feito. Aproxime-se, então.

— Tais esforços são cada vez mais difíceis — murmurou Karnadas enquanto caminhava para o lado do Escudo da Bigorna. Ele colocou uma mão no peito de Itkovian. — A doença dos labirintos põe-me em perigo — continuou ele. — Em breve será tudo o que posso fazer para me defender.

O cansaço esvaiu-se do Escudo da Bigorna, o vigor retornava aos seus membros. Ele suspirou.

— Muito obrigado, senhor.

— O Espada Mortal acabou de ser convocado ao Cativoiro para relatar os acontecimentos do primeiro dia de batalha. E não, não tivemos a sorte de ser informados da destruição do Cativoiro sob uma chuva de uma centena de bolas de fogo. Está intacto. Contudo, tendo em conta aqueles que agora alberga, já não devemos desejar um final tão flamejante.

Itkovian afastou o olhar das ruas e estudou o rosto do Representante iluminado pelas labaredas vermelhas.

— O que é que quer dizer, senhor?

— Os barghastianos, Hetan e Cafal, passaram a residir no Salão Principal.

— Ah, compreendo.

— Antes de sair, Brukhalian pediu-me que lhe perguntasse sobre os seus esforços para descobrir de que forma as ossadas dos Espíritos Fundadores serão poupadas da conflagração que se avizinha.

— Não tive sucesso, senhor. Nem me parece provável que volte a ter oportunidade de envidar novamente os meus esforços nesse sentido.

— É compreensível, senhor. Irei transmitir ao Espada Mortal as suas palavras, senão o seu óbvio alívio.

— Muito obrigado.

O Representante aproximou-se para observar o campo de batalha a este.

— Deuses nas profundezas, os gidrath ainda resistem na defesa do reduto?

— Não tenho a certeza — murmurou Itkovian enquanto se juntava ao homem. — Pelo menos, o bombardeamento não parou. Neste momento, pode haver lá pouco mais do que entulho, está demasiado escuro para se perceber, mas julgo ter ouvido uma muralha a colapsar há cerca de vinte cinco minutos.

— As legiões estão a posicionar-se novamente, Escudo da Bigorna.

— Preciso de mais mensageiros, senhor. A minha última tropa...

— Sim, está exausta — disse Karnadas. — Vou despedir-me e fazer o que me pede, senhor.

Itkovian ouviu o homem descer as escadas, mas manteve o olhar fixo nas posições inimigas a este e a sul. Lanternas encobertas brilhavam aqui e ali entre o que pareciam ser tropas dispostas em quadrado, as figuras acotovelavam-se e remexiam-se por detrás dos escudos de vime. Pequenas companhias de escaramuçadores scalandi emergiram, avançando cautelosamente.

O som de passos por detrás do Escudo da Bigorna anunciou a chegada dos mensageiros. Sem se voltar, Itkovian disse:



— Informem os capitães dos arqueiros e dos trabucos de que os pannionitas estão prestes a fazer nova investida. Soldados nas muralhas e nas ameias. As companhias dos portões reunidas, em toda a sua força, incluindo os escavadores.

Uma vintena de bolas de fogo subiu em direção ao céu por detrás das fileiras cerradas dos pannionitas. Os projéteis descreveram um arco, o seu rugido sibilante foi audível quando passaram por cima da cabeça de Itkovian. Explosões iluminaram a cidade e fizeram estremecer as tábuas revestidas de bronze a seus pés. O Escudo da Bigorna voltou-se para o seu quadro de mensageiros.

— Vão.

Karnadas atravessou o Terreiro Tura'l a galope. O enorme arco a cinquenta passos à sua esquerda acabara de ser atingido num dos cantos do pedestal, espalhando pedaços de alvenaria e fez a ferver nas pedras da calçada e nos telhados das poucas casas que havia a seu lado. Chamas deflagraram, e o Representante viu figuras a saírem apressadamente do edifício. Algures a norte, mesmo no final do Distrito do Templo, outro bloco de edifícios foi engolido pelo fogo.

Ele chegou ao extremo mais distante do terreiro, não abrandando o passo da sua montaria enquanto subia a Rua das Sombras — o Templo da Sombra à sua esquerda, o Templo da Rainha dos Sonhos à sua direita —, depois dirigiu o seu cavalo novamente para a esquerda quando chegaram à Azagaia Daru, a avenida principal do distrito. Em frente, assomavam-se as pedras escuras do Cativoiro, o antigo torreão que se erguia acima das estruturas mais baixas dos edifícios daru.

Três pelotões de gidrath guardavam o portão, com armaduras completas e as armas em punho. Reconhecendo o Representante, deixaram-no passar.

Ele desmontou no pátio deixando o cavalo entregue a um estribeiro, depois dirigiu-se ao Salão Principal, onde sabia que encontraria Brukhalian.

À medida que percorria o corredor principal em direção às portas duplas, viu que outro homem estava mais adiante. Trajava uma veste com capuz, e não tinha a habitual escolta providenciada aos estranhos ao Cativoiro, contudo aproximava-se da entrada com uma confiança graciosa. Karnadas perguntava-se como é que ele conseguira passar pelos gidrath, em seguida os seus olhos arregalaram-se quando o estranho gesticulou com uma das mãos e as enormes portas se abriram diante dele.

O som das vozes alteradas pela discussão saiu do Salão Principal, desaparecendo rapidamente quando o estranho entrou.

Karnadas acelerou o passo e chegou mesmo a tempo de ouvir o fim da expostulação de um sacerdote Rath.

— ... neste instante!

O Representante deslizou pela entrada atrás do estranho. Viu que o Espada Mortal estava de pé perto da mó central, e que agora se voltava para olhar para o recém-chegado. Os barghastianos, Hetan e Cafal, estavam a poucos passos à direita de Brukhalian, sentados no seu tapete. Os sacerdotes e as sacerdotisas do Consílio da Máscara estavam todos inclinados para a frente nas suas cadeiras — as suas máscaras expressavam um profundo descontentamento —, com exceção de Rath'Encapuzado, que estava de pé, a fisionomia da sua máscara de madeira estava transfigurada de indignação.

O estranho, com as mãos entrelaçadas nas dobras das mangas da sua túnica castanho-escuro, parecia não estar perturbado pela receção hostil.

De onde estava, o Representante não conseguia ver o rosto do homem, mas viu o capuz mexer-se quando o estranho esquadrinhou a assembleia mascarada.

— Vai ignorar a minha ordem? — perguntou Rath'Encapuzado, refreando visivelmente o seu tom. O sacerdote olhou em redor. — Onde é que estão os nossos gidrath? Porque é que, em nome dos deuses, não ouviram os nossos chamamentos?

— Infelizmente — murmurou o estranho em daru —, neste momento estão a atender ao chamamento dos seus sonhos. Dessa forma, evitamos quaisquer interrupções desnecessárias.

O homem voltou-se para Brukhalian, permitindo a Karnadas, que agora se encontrava ao lado do Espada Mortal, ver-lhe o rosto pela primeira vez. Redondo, estranhamente sem rugas, nada memorável exceto pela expressão de tranquila equanimidade. *Ah, o comerciante salvo por Itkovian. O seu nome é... Keruli.* Os olhos lívidos do homem fixaram-se em Brukhalian.

— As minhas desculpas ao Comandante dos Espadas Cinzentas, mas receio ter de me dirigir ao Consílio da Máscara. Não se importa de ter a gentileza de me ceder temporariamente o seu lugar?

O Espada Mortal inclinou a cabeça.

— Com certeza, senhor.

— Nós não concordamos com isto! — sibilou Rath'Trono Sombrio.

Os olhos do estranho endureceram-se quando voltou a sua atenção para o sacerdote.

— Infelizmente, não têm escolha. Eu olho para todos vós e acho a representação lamentavelmente inadequada.

Karandas abafou uma gargalhada, e recompôs-se a tempo de encarar a sobrancelha erguida de Brukhalian com uma inocente expressão de indagação.

— Pelo Abismo — disse Raht’Cresta —, quem é você para fazer tal julgamento?

— Eu não preciso de vos dizer o meu nome verdadeiro, sacerdotisa, apenas o título que agora reivindico.

— Título?

— Rath’Krul. Vim para ocupar o meu lugar no Consílio da Máscara, e para vos dizer isto: há um entre vós que nos vai trair a todos.

Ela sentou-se na cama plana, o longo cabelo em desalinho pendia-lhe para o rosto. Grunhido esticou a mão e lentamente penteou as mechas para trás.

Ardósia suspirou pesadamente.

— Isto é estúpido. As coisas acontecem. Não há regras numa batalha. Eu fui uma idiota, tentar enfrentar um sicário com apenas um florete, ele afastou-o com uma gargalhada. — Ela levantou o olhar. — Não fiques aqui comigo, Grunhido. Eu consigo ver o que está estampado nos teus olhos. Vai. — Ardósia olhou em redor do quarto. — Eu só preciso de... de me lavar. Eu não te quero aqui, nem sequer do lado de fora da porta. Se assumisses essa posição, Grunhido, nunca mais a abandonarias. Vai. Tu és o melhor combatente que eu já vi. Mata alguns pannionitas... que o Encapuzado me leve, mata-os a todos.

— Tens a certeza...

Ela riu-se asperamente.

— Nem sequer tentes.

Ele resmungou e começou a verificar as correias e os encaixes da sua armadura. Ajustou o acolchoado interior. Baixou a viseira do seu elmo. Desapertou as bainhas dos seus cutelos.

Ardósia observava-o em silêncio.

Por fim, ele estava pronto.

— Muito bem. Demora o tempo que for preciso, moça. Ainda sobrarão muitos para quando estiveres pronta.

— Sim, tens razão.

Grunhido voltou-se na direção da porta.

— Vai fazer mozza.

Ele assentiu.

— É o que pretendo.

Milhares de beklites e scalandi chegaram à muralha oriental. Em consequência da diminuição dos ataques dos arqueiros, foram erguidas escadas, um enxame de figuras trepou pela muralha acima, e derramou-se pelas ameias. O portão oriental foi tomado novamente, o inimigo ondeou pela passagem e esprou-se na praça do Novo Mercado Oriental.

A sul, o Portão Principal da cidade capitulou sob uma barragem concertada de fogo de catapulta. Uma legião de betaklites invadiu o Terreiro Jelarkan. Uma bem direcionada bola de pez em chamas atingiu o Aquartelamento Ocidental dos capanthall, o edifício ergueu-se numa conflagração que iluminou toda a cidade de um vermelho-lúgubre.

Tropas de choque do exército urdo e dos sicários tomaram o portão norte e entraram nas ruas daru mais próximas, depois de terem destruído o castro Nildar e de terem chacinado todos os seus habitantes. O inimigo estava por toda a cidade.

A batalha não estava a correr bem, concluiu Itkovian.

A cada relatório que os mensageiros entregavam, o Escudo da Bigorna emitia ordens num tom de voz baixo e calmo.

— A Quarta Ala para a nona barricada entre as torres oriental interior e Ne'ror. Reabasteçam os capanthall nas duas torres... A Sétima Ala para a torre ocidental interior e para a muralha. Preciso de um relatório sobre a situação da Torre Jehbar. Havia quinhentos capanthall no Aquartelamento Ocidental, é provável que tenham sido derrotados... A Quinta e a Terceira infantarias para as ruas em redor do Terreiro Tular para se juntarem aos capanthall... A Primeira, Sétima e Sexta infantarias em marcha acelerada para norte do Distrito dos Templos; bloquear e atacar até o portão norte ser retomado... A Quarta, Segunda e Oitava infantarias para o Novo Mercado Oriental. Assim que o portão oriental for retomado, quero que a Primeira, Terceira e Quinta alas façam uma investida. O ponto de encontro deles é no reduto da Guarda Oriental, quero as armas de cerco que estão a atacá-lo neutralizadas, e em seguida que sejam recuperados os gidrath que tenham sobrevivido. Peçam ao Comandante das três infantarias para se apresentar a mim...

Entre ordens e o vaivém dos mensageiros, Itkovian observava o confronto no Novo Mercado Oriental — o que ele conseguia vislumbrar no brilho dos incêndios por entre as espessas nuvens de fumo. Os scalandi esforçavam-se por romper as barricadas que os impediam de chegar ao palácio do

príncipe. As paredes exteriores do palácio eram atingidas incessantemente por pedregulhos, mas sem qualquer resultado, as paredes de pedra finas e reluzentes nem sequer estremeciam. O pez em chamas rugiu até à extinção; no entanto, apenas conseguiu deixar umas marcas pretas que manchavam a superfície da pedra desconhecida. O palácio teria de ser tomado da maneira mais difícil, passo a passo, cada sala, cada nível, e os pannionitas estavam desejosos de começar a tarefa.

O Comandante dos Espadas Cinzentas que estava encarregado da Primeira, Terceira e Quinta alas chegou ao baluarte. Ele era um dos oficiais mais antigos do Escudo da Bigorna, alto e magro, de barba grisalha para esconder as inúmeras cicatrizes.

— A minha missão já me foi transmitida, Escudo da Bigorna.

*Então porque o convoquei? Vejo a interrogação nos seus olhos, senhor. Não precisa de palavras de ânimo para apadrinhar aquela que pode ser uma missão suicida.*

— Vai ser inesperado — disse Itkovian.

Os olhos do homem estreitaram-se e em seguida ele anuiu.

— Pois vai, senhor. Com todas as investidas, as linhas dianteiras do inimigo perderam a sua coesão. Esta noite, o caos vai reivindicar tudo. Iremos destruir as armas de cerco como ordenado e iremos resgatar os sobreviventes do reduto.

*Sim, velho amigo. Sou eu que preciso de palavras de ânimo.*

— Mantenha-se atento, senhor. Eu gostaria de saber qual é o posicionamento das forças pannionitas da retaguarda. Principalmente, os tenescowri.

— Compreendido, senhor.

Chegou uma mensageira, que tropeçou assim que saiu da escada.

— Escudo da Bigorna! — arquejou ela.

— O seu relatório — disse Itkovian.

— Do Comandante da Primeira, Sétima e Sexta infantarias, senhor.

*Do portão norte.* Ele olhou para norte. A maior parte dos edifícios de Daru estava em chamas.

— Prossiga.

— O Comandante relata que encontrou as tropas de choque do exército urdo e dos sicários. Estão todos mortos, senhor.

— Mortos?

A jovem mulher assentiu e fez uma pausa para limpar o suor manchado de cinza da sua testa. Itkovian reparou que o elmo dela era muito grande.

— Um cidadão reuniu os capanthall que restavam, bem como outros civis

e alguns guardas de caravana. Senhor, eles enfrentaram o exército urdo e os sicários numa sucessão de batalhas de rua e rechaçaram-nos. O Comandante controla agora o portão norte, no qual a sua companhia de escavadores está a efetuar reparações.

— E esta milícia improvisada e o seu Comandante?

— Apenas alguns feridos estavam lá para receber o Comandante, senhor. A... hã... milícia partira para oeste em perseguição de uma companhia do exército urdo que estava a tentar invadir a Casa Lektar.

— Mensageira, envie a Primeira Ala para os ajudar. Depois de entregar a minha ordem, vá descansar.

— Sim, Escudo da Bigorna.

— Esse não é o elmo que lhe foi atribuído, pois não?

Envergonhada, ela abanou a cabeça.

— Eu... hã... perdi-o, Escudo da Bigorna.

— Peça ao intendente que lhe dê um que lhe sirva.

— Sim, senhor.

— Vá.

Os dois veteranos viram a jovem mulher afastar-se.

— Descuidada — murmurou o Comandante —, perder o elmo.

— Realmente.

— Inteligente, ao encontrar outro.

O Escudo da Bigorna sorriu.

— Despeço-me agora, senhor.

— Que Fener o acompanhe, Comandante.

Karnadas inspirou profundamente de forma silenciosa, os pelos do seu pescoço eriçaram-se subitamente, reinava um silêncio pesado no Salão Principal.

*Traição?* Os seus olhos foram atraídos para um sacerdote em particular. As palavras de Rath'Krul eram combustível para as suspeitas que o Representante já tinha, e o preconceito levou-o a duvidar das suas próprias conclusões. Ele conteve-se, mas o seu olhar continuava fixo em Rath'Fener.

A máscara de javali não mostrava qualquer expressão; contudo, o homem parecia ter acabado de sofrer um golpe.

— A época de K'rul — sibilou Rath'Trono Sombrio — já passou há muito.

— Ele está de volta — replicou o homem trajado com as vestes. — Um facto que deveria transmitir a cada um de vós um certo alívio. Afinal de contas, é o sangue de K'rul que foi envenenado. A batalha que agora começou não poupará ninguém, incluindo os deuses que vocês servem. Se duvidam

das minhas palavras, façam as vossas viagens interiores, ouçam a verdade dos vossos deuses. Sim, as palavras podem ser relutantes, na verdade, ressentidas. No entanto, serão proferidas.

— A sua sugestão — disse Rath’Rainha dos Sonhos — não pode ser feita à pressa.

— Estou recetivo a um novo encontro — disse Rath’Krul com uma ligeira vénia. — No entanto, deixo-vos um aviso, não temos muito tempo.

— Falou de traição...

— Sim, Rath’Rainha dos Sonhos, falei.

— Você feriu-nos com a desunião.

O homem trajado com as vestes inclinou a sua cabeça.

— Irmãos e irmãs, aqueles de entre vós que tiverem a sua consciência tranquila estarão dessa forma unidos. Aquele que puder fazer essa afirmação provavelmente prestará contas ao seu deus.

— *Seu?*

Rath’Krul encolheu os ombros.

No silêncio que se seguiu, Brukhalian pigarreou.

— Com a permissão do Consílio da Máscara, despeço-me. O meu Escudo da Bigorna precisa de mim.

— Com certeza — disse Rath’Encapuzado. — Na verdade, pelos sons que se ouvem no exterior do Cativoiro, parece que as muralhas cederam e que o inimigo está dentro da cidade.

*E o Encapuzado anda à espreita nas ruas de Capustan. Ambivalência, o suficiente para acalmar o teu tom.*

O Espada Mortal sorriu.

— Era a nossa expectativa desde o início, Rath’Encapuzado, que as muralhas e os portões fossem tomados. Periodicamente. — Voltou-se para Karnadas. — Junte-se a mim, por favor. Preciso das últimas informações.

O Representante assentiu.

Hetan levantou-se subitamente, os seus olhos faiscavam enquanto olhava para Rath’Krul.

— Homem Adormecido, a oferta do teu deus é verdadeira? Ele vai mesmo ajudar-nos?

— Vai. Qual de vós se voluntaria?

A mulher barghastiana, de olhos arregalados, sacudiu a cabeça na direção do irmão.

O homem trajado com as vestes sorriu.

Rath’Trono Sombrio pareceu cuspir as suas palavras.

— O que é que se passa agora? O que é que se passa agora? *O que é que se passa agora?*

Karnadas voltou-se para observar Cafal e ficou chocado ao ver o homem ainda sentado de pernas cruzadas e a cabeça curvada em torpor.

— A todos vós — disse Rath'Krul num tom de voz baixo —, se dão valor às vossas vidas, não o acordem.

Sobrava uma dúzia de capanthall dos sessenta e poucos que Grunhido conduziu do portão norte para oeste, e apenas um oficial lestari, um sargento de pernas curtas e braços compridos, que assumira o posto de segundo em comando sem uma única palavra.

A Casa Lestari era uma das poucas residências particulares em Capustan bem fortificada. Era a casa de Kalan d'Arle, uma família de comerciantes com ligações ao Conselho de Darujhistan, assim como a agora derrotada casa nobre com o mesmo nome em Lestari. A sólida estrutura de pedra confinava com a muralha norte, e o seu telhado plano tornara-se não só um ponto de encontro como estratégico para os defensores da muralha.

Ao nível da rua, a grande entrada consistia numa maciça porta de bronze assente numa estrutura de pedra com as dobradiças em recesso. Um largo frontão pairava sobre a entrada, sustentado por duas colunas de mármore idênticas, o seu teto estava pejado de cabeças de demónios esculpidas, as suas bocas abertas, de onde agora escorriam os últimos vestígios da água a ferver que fora despejada sobre os ululantes scalandi que tinham estado a martelar na porta.

Grunhido e a sua tropa, ainda a recuperarem do selvagem confronto com quinze soldados do exército urdo que deixara a maior parte da milícia feita em pedaços, antes de Grunhido ter abatido ele próprio os dois últimos pannionitas, surpreenderam a turba scalandi por detrás.

O confronto foi rápido e brutal. Apenas o sargento lestari mostrara alguma misericórdia quando cortou as gargantas daqueles scalandi que tinham ficado gravemente queimados pela água a ferver. O cessar dos seus guinchos trouxe um súbito silêncio à cena.

Grunhido agachou-se ao lado de um cadáver e usou a túnica sua para limpar as lâminas dos seus cutelos. Os músculos dos seus braços e ombros estavam trémulos e pesavam como chumbo.

A brisa noturna, com cheiro a sal, aumentou de intensidade, empurrando o fumo para o interior. Por todo o lado, ainda havia muitos incêndios que afastavam a escuridão.



— Olhe para ali, se faz favor.

O capitão de caravana olhou para o sargento lestari e depois seguiu o olhar do homem.

O Cativeiro assomava-se a sudeste, a poucas ruas de distância. O torreão inteiro brilhava fracamente.

— O que é que acha? — murmurou o soldado grisalho.

*Alguma espécie de feitiçaria.*

— Diria que é um ritual mágico — prosseguiu o sargento. — Provavelmente de proteção. O Encapuzado sabe que a nós também nos dava jeito alguma proteção. Estamos de rastos, senhor, já não aguento muito mais, e quanto aos restantes... — Olhando para a dúzia de capanthall magoados, que sangravam, agachados ou ajoelhados ou encostados às paredes da casa, ele abanou a cabeça. — Estão acabados.

Sons de luta aproximavam-se de sudoeste.

O arranhar de armaduras no telhado da Casa Lestari atraiu a atenção de Grunhido. Meia dúzia de capanthall olhava para eles.

— Bom trabalho, quem quer que vocês sejam! — gritou um deles.

— O que conseguem ver daí de cima? — perguntou o sargento.

— Retomámos o portão norte! Os Espadas Cinzentas, perto de um milhar. Os pannionitas estão a recuar!

— Os Espadas Cinzentas — sussurrou o lestariano, e olhou para Grunhido. — Fomos nós que retomámos aquele portão...

— Mas não estamos a defendê-lo, pois não? — rosnou Grunhido, endireitando-se e olhando para a sua parca tropa. — Animem-se, seus capan cobardes. Ainda não terminámos.

Olhos embotados e incrédulos fixaram-se nele.

— Parece que o portão ocidental capitulou e que os nossos defensores estão a recuar. O que quer dizer que eles perderam os seus oficiais, ou que os seus oficiais não valem um chavo. Sargento, você agora é tenente. Todos os outros são sargentos. Temos de ir ajudar uns quantos soldados assustados. Vamos embora, em passo acelerado, não quero que arrefeçam. — Olhando para eles, Grunhido rodou os ombros, que embateram nos cutelos. — Sigam-me.

Ele correu pela rua abaixo em direção ao portão ocidental. Passado um momento, os outros seguiram-lhe os passos.

Uma hora antes do amanhecer. A norte e a oeste, o rugido da batalha diminuía. Os contra-ataques de Itkovian tinham recuperado ali os portões e as

muralhas; em ambos os lados, a batalha estava livre dos atacantes, pelo menos durante o resto da noite.

Brukhalian, com Karnadas a reboque, voltara do Cativoiro há meia hora. O Espada Mortal reunira os seiscentos recrutas que o Escudo da Bigorna mantivera de reserva, além de duas companhias de infantaria e duas alas, e partiu na direção do Terreiro de Jelarkan. Havia rumores de que mil beklites tinham forçado a entrada, ameaçando subjugar as defesas interiores.

A situação em torno do portão ocidental era ainda mais terrível. Três dos mensageiros de Itkovian não tinham regressado depois de terem sido enviados nessa direção. O Aquartelamento Ocidental era uma enorme bola de fogo violento, que revelava em lúgubres lampejos os escombros que era o próprio portão ocidental. A investida, caso fosse capaz de chegar ao lado ocidental do Terreiro de Jelarkan, poderia provocar a capitulação de metade da cidade.

O Escudo da Bigorna andava de um lado para o outro impacientemente. Já não tinha forças de reserva. Por um momento, parecia que os destacamentos capanthall e dos Espadas Cinzentas encarregados da defesa do portão ocidental tinham deixado de existir, a ferida transformara-se numa hemorragia. Então, inexplicavelmente, a determinação fortalecera-se. A hemorragia encontrou uma parede humana, e embora o volume aumentasse, ainda não tinha derramado por cima.

Naquele momento, o destino de Capustan estava nas mãos daqueles defensores, e Itkovian não podia fazer mais nada a não ser observar, enquanto tudo estava em jogo.

Karnadas estava lá em baixo, no aquartelamento. Exaurindo o seu Labirinto Denul, lutando contra qualquer que fosse a infeção mágica que o atormentava, e mesmo assim conseguindo sarar os Espadas Cinzentas feridos. Algo acontecera no Cativoiro, estava a acontecer naquele preciso momento, todo o torreão brilhava, uma penumbra incolor. Itkovian queria perguntar ao Representante o que se passava, mas ainda não surgira a oportunidade.

Passos na escada. O Escudo da Bigorna voltou-se.

O mensageiro que surgiu tinha um dos lados do rosto terrivelmente queimado, a pele vermelha e empolada cobria-lhe o maxilar e continuava a subir, formando um sulco por baixo da borda do seu elmo. O seu olho daquele lado estava contraído, enrugado e escuro como uma passa.

Ele saiu das escadas, e Itkovian viu que Karnadas vinha atrás dele.

O Representante foi o primeiro a falar, ainda meio dentro do alçapão.

— Ele insistiu em fazer-lhe primeiro o relatório, senhor. Eu não consigo fazer nada em relação ao olho, mas a dor...

— Daqui a um momento — disse Itkovian ríspidamente. — Mensageiro, faça o seu relatório.

— As minhas desculpas — disse o jovem respirando com dificuldade — por ter demorado tanto tempo.

O Escudo da Bigorna arregalou os olhos.

— Você deixa-me envergonhado, senhor. Só passou pouco mais de meia hora desde que o enviei para o portão ocidental.

— Os pannionitas alcançaram o castro Tular, Escudo da Bigorna. O castro Senar capitulou, os seus habitantes foram chacinados. Todos. As crianças... senhor... peço desculpa, mas o horror ainda me persegue...

— Prossiga.

— A Torre Jehbar estava cercada, os seus defensores sitiados. Era essa a situação quando cheguei, senhor. Os nossos soldados estavam dispersos, combatendo em grupos, muitos deles cercados. Para onde quer que eu olhasse, estávamos a ser despedaçados. — Ele fez uma pausa, inspirou irregularmente, e em seguida continuou: — Era essa a situação quando cheguei. Quando me preparava para voltar para aqui com as notícias, fui... subtraído...

— Foi o *quê*?

— As minhas desculpas, senhor, mas não encontro outro termo. Surgiu um estrangeiro, com uma dezena de seguidores capan, uma espécie de milícia, senhor. E um sargento lestariano. O homem assumiu o comando, de toda a gente, eu próprio incluído. Escudo da Bigorna, eu argumentei...

— Este homem foi claramente persuasivo. Continue o seu relato, senhor.

— O estrangeiro levou a que os seus próprios soldados derrubassem a porta do castro Tular. Ele exigiu que os seus habitantes saíssem e lutassem. Pelas crianças deles...

— E ele convenceu-os?

— Senhor, ele segurava nos braços os restos de uma criança do castro Senar. O inimigo, senhor... os pannionitas... alguém começara a *comer* aquela criança...

Karnadas colocou-se atrás do jovem e pousou-lhe as mãos nos ombros.

— Ele convenceu-os — disse Itkovian.

O mensageiro assentiu.

— O estrangeiro, em seguida... então ele pegou no que restava da túnica da criança e fez daquilo o seu estandarte. Eu vi. Senhor, então parei de argumentar, peço desculpa...

— Eu compreendo-o, senhor.

— Não havia falta de armas. Os capanthall tular armaram-se a eles próprios, reuniram-se quatrocentos ou quinhentos. Homens e mulheres. O estrangeiro enviara para o exterior os seus seguidores e eles começaram a regressar. Com eles, bandos de soldados capanthall sobreviventes, alguns gidrath, coralessianos e Espadas Cinzentas, senhor. O Comandante fora morto, está a ver...

— O estrangeiro reagrupou-os — interrompeu-o Itkovian. — O que se passou em seguida?

— Marchámos em auxílio da Torre Jehbar, senhor. Escudo da Bigorna, sob aquele horrível estandarte, nós trucidámos-los.

— Em que estado é que estava a torre?

— Em ruínas, senhor. Infelizmente. Não havia mais do que vinte sobreviventes entre os capanthall que a defendiam. Eles estão agora com o estrangeiro. Eu... hã... voltei então às minhas responsabilidades, senhor, e fui autorizado a vir entregar-lhe o meu relatório...

— Este estranho foi muito generoso. Qual era a disposição dessa milícia nessa altura?

— Estavam prestes a investir através dos escombros do portão ocidental, senhor...

— *O quê?*

— Uma companhia beklite estava a chegar para reforçar os atacantes dentro da cidade, mas esses atacantes foram todos mortos. O estrangeiro planeou surpreendê-los com esse facto.

— Presas Gémeas, quem é este homem?

— Não sei o nome dele, senhor. Ele maneja dois cutelos. Luta como... como um *javali*, senhor, com aqueles dois cutelos...

Itkovian fixou o olhar no jovem durante um longo momento, vendo a dor diminuir enquanto o Representante continuava a agarrar-lhe nos ombros, vendo as bolhas a diminuírem, o vergão a desaparecer, a pele nova a fechar-se em redor do olho arruinado. O Escudo da Bigorna voltou-se para oeste fazendo a sua armadura estrepitar. O fogo no Aquartelamento Ocidental estendia a sua luz vermelha até um determinado ponto. Para diante, a escuridão reinava. Ele mudou a sua atenção para o Terreiro Jelarkan. Até onde conseguia determinar, não havia mais investidas evidentes. O Espada Mortal tinha o assunto bem controlado, tal como Itkovian sabia que aconteceria.

— Menos de meia hora — murmurou Karnadas — até à alvorada. A cidade resiste, Escudo da Bigorna.

Itkovian assentiu.

Mais passos nas escadas. Viraram-se todos quando chegou outro mensageiro.

— Escudo da Bigorna, da terceira investida do reduto da Guarda Oriental. Os gidrath sobreviventes foram resgatados, senhor. Foi avistado movimento a sudeste. O Comandante enviou um batedor. Escudo da Bigorna, os tenescowri estão em movimento.

Itkovian assentiu. *Eles chegarão com a alvorada. Trezentos mil, talvez mais.*

— Representante, abra os túneis. Comece pelos castros interiores, senhor. Todos os cidadãos devem descer. Assuma o comando dos quartelamentos da infantaria e dos alas e de quem quer que encontre para levar a cabo ordens rápidas e controlar as entradas.

O rosto enrugado de Karnadas contorceu-se num sorriso irónico.

— Escudo da Bigorna, é meu dever informá-lo de que o Consílio da Máscara ainda não aprovou a construção dos ditos túneis.

Itkovian assentiu novamente.

— Felizmente, para o povo de Capustan, nós avançámos sem esperar por essa aprovação. — Em seguida, ele franziu o sobrolho. — Parece que o Consílio da Máscara encontrou os seus próprios meios de defesa.

— Não foram eles, senhor. Foram Hetan e Cafal. E um novo sacerdote, na verdade o mesmo «comerciante» resgatado por si na planície.

O Escudo da Bigorna pestanejou lentamente.

— Ele não tinha um guarda de caravana? Um homem encorpado, com um par de cutelos presos às coxas? — *Cutelos? Mais pareciam as presas de Fener.*

O Representante sibilou:

— Julgo que tem razão, senhor. Na verdade, ainda ontem dispensei um momento para o curar.

— Ele estava ferido?

— Ressacado, Escudo da Bigorna. Bastante.

— Compreendo. Prossiga, senhor. — Itkovian olhou para os seus dois mensageiros. — Temos de fazer chegar uma mensagem ao Espada Mortal... e a esse estrangeiro...

O escudo de vime do beklite saltou do braço do homem ao sofrer o impacto do golpe desferido por Grunhido com as costas da mão. O cutelo entalhado,

manchado de sangue, que o guarda de caravana segurava na outra mão desferiu um golpe descendente, através do elmo e depois do crânio. Matéria cinzenta e sangue espalharam-se sobre a sua manopla. O beklite caiu para o lado, com os membros a estremecer.

Grunhido rodopiou, limpando a porcaria da sua lâmina. Doze passos atrás dele, pairando sobre as fileiras selvagens dos seus seguidores, estava o Estandarte da Criança, uma túnica rasgada de um amarelo-brilhante agora salpicada de vermelho que estava a transformar-se num magenta intenso.

A companhia beklite fora esmagada. A vítima de Grunhido fora a última. O capitão de caravana e a sua milícia estavam a quarenta passos do que sobrava do portão ocidental, na avenida principal do que fora uma favela. Os edifícios tinham desaparecido, as suas paredes de madeira e os telhados de lousa desmantelados e levados dali. Pedações de terra batida manchada e cacos de objetos de cerâmica eram tudo o que sobrara. A duzentos passos mais para oeste estavam os piquetes dos sitiados, fervilhando na crescente luz do amanhecer.

Grunhido conseguia ver quinhentos betaklites posicionando-se ao longo da sua orla, flanqueados por companhias do exército urdo e pela cavalaria ligeira Betrullid. Por detrás deles, levanta-se um enorme véu de poeira, iluminado pelo sol que se erguia.

O tenente pousara um joelho no chão ao lado de Grunhido, esforçando-se por recuperar o fôlego.

— Está na hora... está na hora... de... retirar, senhor.

Franzindo o sobrolho, o capitão de caravana virou-se para observar a sua milícia. *Cinquenta, sessenta ainda de pé. Com quantos é que comecei ontem à noite? Mais ou menos os mesmos. Está certo? Deuses, poderá isso estar certo?*

— Onde é que estão os nossos sargentos?

— Estão ali, pelo menos a maior parte deles. Quer que os chame, senhor? *Não, sim, quero ver os seus rostos. Não me lembro dos seus rostos.*

— Eles que reúnam os pelotões.

— Senhor, se aquela cavalaria passar por nós...

— Não vão passar. É apenas uma manobra de distração.

— Distração de quê?

— Tenescowri. Por que razão é que enviariam mais soldados veteranos para nos enfrentar? Apenas para os verem morrer? De qualquer forma, aqueles cabrões precisam de descansar. Não, agora está na hora da horda faminta.

— Que Beru nos proteja — sussurrou o tenente.  
— Não te preocupes — replicou Grunhido —, eles morrem com facilidade.  
— Precisamos de descansar, estamos feitos em farrapos, senhor. Eu estou demasiado velho para uma missão suicida.  
— Então, em nome do Encapuzado, o que é que estás a fazer em Capustan? Não interessa. Vamos ver os pelotões. Quero que tirem as armaduras destes corpos. Apenas as de couro, e os elmos e as manoplas. Quero que os meus sessenta se pareçam com soldados.  
— Senhor...  
— *Depois*, retiramo-nos. Compreendido? É melhor despacharem-se também.

Grunhido conduziu a sua companhia exausta de volta a Capustan. Havia atividade por entre as ruínas do portão ocidental. Os mantos cinzento-claros dos Espadas Cinzentas dominavam a multidão, embora outros — pedreiros e agitados grupos de trabalhadores — também lá estivessem. A atividade frenética abrandou à medida que as cabeças se voltavam. As conversas desvaneciam.

A carranca de Grunhido acentuou-se. Ele detestava excesso de atenção.  
*O que somos, fantasmas?*

Os olhares eram atraídos para o Estandarte da Criança.

Uma figura avançou ao encontro deles, um oficial dos mercenários.

— Bem-vindos — disse a mulher com um solene aceno de cabeça. O seu rosto estava coberto de poeira, gotas de suor escorriam-lhe por baixo do elmo. — Temos alguns armeiros no exterior do Castro Tular. Calculo que as suas presas precisem de ser afiadas...

— Cutelos.

— Como queira, senhor. O Escudo da Bigorna... Não, todos nós gostaríamos de saber o seu nome...

Mas Grunhido já passara por ela.

— Amoladores. Boa ideia. Tenente, acha que as nossas presas precisam de ser afiadas?

A oficial dos Espadas Cinzentas rodopiou.

— Senhor, a referência não deve ser encarada de ânimo leve.

Ele continuou. Por cima do ombro disse:

— Muito bem, porque não lhes chamamos garras de tigre? Parece-me

que têm um portão para reconstruir. É melhor pôr mãos à obra, moça. Aqueles tenescowri querem tomar o pequeno-almoço, e isso somos nós.

Ele ouviu-a sibilar no que poderia ser uma demonstração de irada frustração.

Momentos depois, os trabalhadores retomaram os seus esforços.

Os armeiros tinham montado os seus esmeris na rua. Por detrás deles, na direção do Terreiro Jelarkan, os sons da batalha continuavam. Grunhido fez um sinal aos seus soldados para se aproximarem.

— Ponham-se todos em fila. Quero essas lâminas tão afiadas que consigam barbear-se com elas.

O tenente resfolegou.

— A maior parte da sua tropa são mulheres.

— Tanto faz.

Um cavaleiro guiava o seu cavalo pela rua a alta velocidade. Refreou num estrépito de cascos, desmontou e fez uma pausa para ajeitar as suas manoplas antes de se encaminhar na direção de Grunhido.

— É o capitão da caravana de Keruli? — perguntou ele com o rosto tapado por um elmo de viseira inteira.

— Fui. O que queres mercenário?

— Trago cumprimentos do Escudo da Bigorna, senhor. — A voz era forte, profunda. — Os tenescowri estão a juntar-se...

— Eu sei.

— O Escudo da Bigorna acredita que a investida principal será de leste, pois é aí que o Filho Primogénito da Semente Morta reuniu a sua anteguarda.

— Muito bem, e então?

O mensageiro ficou em silêncio durante um momento, depois continuou:

— Senhor, os cidadãos de Capustan estão a ser retirados...

— Retirados para onde?

— Os Espadas Cinzentas construíram túneis por baixo da cidade, senhor. Estão lá armazenados mantimentos suficientes para sustentar vinte mil cidadãos...

— Durante quanto tempo?

— Duas semanas, talvez três. Os túneis são extensos. Em muitos casos também foram abertos túmulos antigos, para servirem de armazéns, havia mais do que qualquer um poderia ter antecipado. As entradas estão bem escondidas e são defensáveis.

*Duas semanas. Escusado.*

— Bom, isso trata dos não-combatentes. E quanto a nós, os combatentes?



Os olhos do mensageiro velaram-se por entre as barras de ferro preto da sua viseira.

— Nós combatemos. Rua atrás de rua, edifício atrás de edifício. Sala atrás de sala, senhor. O Escudo da Bigorna pergunta que parte da cidade é que deseja assumir. E se precisa de alguma coisa. Flechas, comida...

— Nós não temos arqueiros, mas comida e vinho aguado pode ser. Que parte? — Grunhido observou a sua tropa. — É mais *que prédio*. Há um prédio logo à saída da antiga Rua Daru, aquele com as fundações de pedra preta. Vamos começar no portão norte, e recuamos até aí.

— Muito bem. Os mantimentos serão entregues nesse edifício, senhor.

— Oh, estava uma mulher num dos quartos do andar de cima, se a vossa evacuação dos cidadãos envolveu uma procura casa a casa...

— A evacuação foi voluntária, senhor.

— Ela não terá concordado.

— Então continua onde estava.

Grunhido assentiu.

O tenente aproximou-se do capitão.

— Os seus cutelos... está na altura de afiar as suas garras de tigre, senhor.

— Sim.

Voltando-se, Grunhido não reparou que o mensageiro virara rapidamente a cabeça quando ouviu as palavras do tenente.

Através da escura gaiola da viseira, o Escudo da Bigorna Itkovian estudava o enorme capitão de caravana que agora se encaminhava na direção do armeiro, o lestariano de pernas curtas seguia no encaço dele. Os cutelos manchados de sangue estavam desembainhados, as lâminas largas, entalhadas e de ponta pesada eram da cor das chamas enegrecidas.

Ele viera encontrar-se com o homem pessoalmente, para o avaliar e para adaptar um rosto aos extraordinários talentos do homem.

Itkovian já se arrependia da sua decisão. Murmurou uma longa e discreta maldição contra a sua impetuosidade. *Luta como um javali? Deuses, não, este homem é um enorme felino das planícies. Sim, ele tem envergadura, mas passa despercebida por detrás de uma graciosidade mortífera. Fener que nos salve a todos, o fantasma do Tigre do Verão caminha na sombra deste homem.*

Voltando para onde estava o seu cavalo, Itkovian içou-se para a sela. Pegou nas rédeas. Rodando a sua montaria, ele inclinou a cabeça trás e olhou

para o sol matutino. *Esta verdade explodiu como fogo no meu coração. Neste dia, o nosso último dia, eu conheci este homem anónimo, este servo de Treach, o Tigre do Verão... Treach está a ascender.*

*E Fener? O javali selvagem cuja astúcia feroz cavalga a minha alma — e o meu senhor?*

*Fener... está a descender. Neste nosso último dia.*

Um rugido sussurrante elevou-se à distância, de todos os lados. Os tescowri estavam em movimento.

— Presas Gémeas, olhem por nós — disse Itkovian asperamente, fincando os seus calcanhares nos flancos do cavalo. O animal disparou para diante, saltavam faíscas quando os seus cascos batiam nas pedras.

Com o rosto cinzento pela exaustão, Buke dirigiu-se à propriedade dos necromantes. Era um edifício largo, que dominava uma colina longa e baixa que parecia demasiado regular para ser natural, cercado por um muro alto com torres de guarda falsas em cada um dos cantos. Tinha uma grande entrada virada para a Via Kilsban, que se afastava da própria rua por causa do declive. O portão era uma miniatura do Portão do Cativo, erguido verticalmente e rebaixado por mós com um furo no centro.

Uma bola de fogo atingira o portão, deixando-o em ruínas. As chamas tinham lavrado durante algum tempo, escurecendo a estrutura de pedra e rachando-a, mas de alguma forma a estrutura permanecera de pé.

À medida que o velho guarda de caravana subia a rampa a coxear em direção ao portão, foi surpreendido pela saída súbita de um homem alto e magro, trajado com umas vestes negras. Tropeçando, quase saltitando como um enorme abutre de asas de ébano, o homem virou-se rapidamente para olhar para Buke. O seu rosto estava retorcido.

— Eu só fico atrás do próprio Rath'Trono Sombrio! Não me conhece? *Eles* não me conhecem? Eu sou Marble! Também conhecido como Maléfico! Temido entre todos os acoissados cidadãos de Capustan! Um feiticeiro de poderes inimagináveis! No entanto, *eles*... — Ele cuspiu de fúria. — Nada mais, nada menos do que um pontapé nos fundilhos! Eu vou vingar-me, juro!

— Não é prudente, sacerdote — disse Buke cortesmente. — Os meus patrões...

— São escumalha arrogante!

— Pode ter razão, mas não são o tipo de pessoas que se deve irritar, senhor.

— *Irritar?* Quando o meu mestre souber deste... deste... *insulto* dirigido ao seu servo mais estimado, então... oh, então as sombras vão precipitar-se.

Com um último rosnado, o sacerdote desceu a rampa a bater com os pés, as vestes negras a chiar dramaticamente atrás dele.

Buke ficou parado durante um longo momento, a observar o homem chamado Marble até ele desaparecer na esquina da rua.

O som da batalha vinha de todos os lados, mas não estava a aproximar-se. Há umas horas, quando Buke ajudava as pessoas dos castros e dos edifícios do distrito daru a chegarem aos locais de reunião dos Espadas Cinzentas — de onde depois seriam levadas para as entradas secretas dos túneis —, os pannionitas tinham chegado à rua que Buke acabara de percorrer. De alguma forma, a heterogénea coleção de defensores de Capustan conseguira fazê-los recuar. Cadáveres de ambos os lados estavam espalhados pela Via Kilsban.

Buke fez um esforço para começar a caminhar novamente, passando por baixo do lintel queimado da entrada com a firme convicção de que nunca mais abandonaria a propriedade de Bauchelain e de Korbal Broach. Mesmo na altura em que os seus passos abrandaram sob a influência de uma súbita onda de autopreservação, ele percebeu que era demasiado tarde.

Bauchelain estava no pátio.

— Ah, o meu outrora empregado. Já estávamos a perguntar-nos onde é que terias ido.

Buke baixou a cabeça.

— As minhas desculpas, senhor. Entreguei o pedido de isenção fiscal às autoridades cívicas de Daru, conforme solicitado...

— Excelente. E a nossa argumentação foi bem recebida?

O velho guarda estremeceu.

— Infelizmente, o cerco não oferece nenhum alívio aos impostos sobre as propriedades, patrão. O dinheiro é devido. Afortunadamente, por causa da evacuação não há ninguém na Casa Daru à espera de que seja entregue.

— Sim, a evacuação. Túneis. Muito inteligente. Nós declinámos a oferta, é claro.

— É claro.

Buke já não conseguia manter o seu olhar fixo nas pedras da calçada à sua frente, e deu conta de que a sua cabeça se voltava, levantando-se ligeiramente para observar os corpos dos dez soldados do exército urdo que jaziam exangues por todo o lado, com os rostos por baixo das viseiras manchados de negro.

— Uma investida precipitada destes soldados mal orientados — murmurou Bauchelain. — Korbal ficou deliciado, e está a fazer preparativos para os recrutar.

— Para os recrutar, patrão? Oh, sim, senhor. Recrutá-los.

O necromante inclinou a cabeça.

— Estranho, o caro Emancipor Reese pronunciou essas mesmas palavras, num tom idêntico, nem há meia hora.

— Deveras, patrão?

Os dois olharam-se durante um breve momento, depois Bauchelain afofou a sua barba e voltou-se.

— Os tenescowri estão a chegar, sabias? Entre eles estão os Filhos da Semente Morta. Extraordinários, estes filhos. A semente de um homem moribundo... Hum. Dizem que o mais velho comanda agora toda a horda de camponeses. Estou ansioso para os encontrar novamente.

— Patrão? Há, como, quero dizer...

Bauchelain sorriu.

— Korbal está ávido para levar a cabo um exame minucioso desse filho chamado Anaster. Qual é o condimento da sua biologia? Até eu me questiono sobre isso.

Os soldados do exército urdo tombados estremeceram e contorceram-se como se fossem apenas um, as mãos estendidas na direção das armas caídas, as cabeças cobertas com elmos levantavam-se.

Buke olhava horrorizado.

— Ah, agora tens guardas para comandar, Buke. Sugiro que os posicionas à entrada, e talvez um em cada uma das torres dos cantos. Defensores incansáveis, são o melhor género, certo?

Emancipor Reese saiu a cambalear da casa principal com a sua gata sarrenta apertada contra o peito.

Bauchelain e Buke viram o velho dirigir-se apressado a um dos soldados do exército urdo que estava agora de pé. Reese chegou ao pé do enorme guerreiro, esticou a mão e puxou freneticamente o colar de correntes do morto-vivo e o gibão por baixo dele. O velho colocou a mão por baixo das duas camadas, empurrando-a cada vez mais para baixo.

Emancipor começou a tartamudear. Ele libertou a mão e cambaleou para trás.

— Mas... mas... — O seu rosto enrugado voltou-se para Bauchelain. — Aquele... aquele homem, Korbal... ele tem... ele disse... eu vi! *Ele tem os corações deles!* Ele coseu-os uns aos outros, uma massa sangrenta e pulsante

na mesa da cozinha! Mas... — Ele voltou-se e bateu no peito do soldado do exército urdo. — Nenhuma ferida!

Bauchelain ergueu uma sobrancelha fina.

— Ah, bem, contigo e aqui com o amigo Buke a interferirem nas normais atividades noturnas de Korbal Broach, o meu colega foi forçado a modificar os seus hábitos, o seu *modus operandi*, se quiserem. Agora, como veem, meus amigos, ele não precisa de sair dos seus aposentos para obter aquilo de que precisa. No entanto, tenho de vos dizer, por favor desistam dos vossos esforços mal orientados. — Os olhos cinzentos e inexpressivos do necromante fixaram-se em Buke. — E quanto à peculiar feitiçaria do sacerdote Keruli que agora reside dentro de ti, não a reveles, caro servo. Nós não gostamos de companhia quando assumimos as nossas formas soletaken.

As pernas de Buke estiveram quase a ceder.

— Emancipor — murmurou Bauchelain —, empresta o teu ombro ao nosso guarda.

O velho aproximou-se. Os seus olhos estavam tão arregalados que Buke conseguia ver o branco em toda a volta. O suor cobria-lhe o rosto enrugado.

— Eu disse-te que era uma loucura! — sibilou ele. — O que é que o Keruli te fez? Raios te partam, Buke...

— Cala-te, Mancy — rosnou Buke. — Tu *sabias* que eles eram soletaken. No entanto, não disseste nada, mas Keruli também sabia.

Bauchelain dirigiu-se à casa principal, cantarolando baixinho.

Buke contorceu-se e agarrou na túnica de Emancipor.

— Eu agora consigo *seguir-los*. Foi o presente de Keruli. Eu consigo seguir aqueles dois para qualquer lado!

— Eles vão matar-te. Vão aniquilar-te, Buke. Seu idiota amaldiçoado pelo Encapuzado...

Buke dirigiu-lhe um sorriso débil.

— Amaldiçoado pelo Encapuzado? Oh sim, Mancy, somos todos. Não somos? Amaldiçoados pelo Encapuzados, sim.

Um distante e terrível rugido interrompeu-os, um som que estremeceu pela cidade, invadindo-a por todos os lados.

Emancipor empalideceu.

— Os tenescowri...

Mas a atenção de Buke fora atraída para a torre quadrada do edifício principal, para as persianas abertas do quarto do terceiro andar, onde duas galhas estavam agora empoleiradas.

— Oh, sim — murmurou ele, arreganhando os dentes — Estou a ver-vos.

Vão atrás dele, não vão? Do primeiro Filho da Semente Morta. Anaster. Vão atrás dele.

As gralhas saltaram do parapeito, as asas estendidas, sobrevoaram baixinho o complexo, em seguida, com um forte e audível bater de asas, ergueram-se sobre a muralha e voaram em direção a sudeste.

Buke empurrou Reese.

— Eu posso segui-los! Oh, sim. O doce presente de Keruli... — *A minha própria forma soletaken, a forma de asas, o ar a deslizar sobre e abaixo de mim. Deuses, a liberdade! O que eu desejo... toma forma...*

Ele sentiu o seu corpo a transformar-se, um doce calor a tomar conta dos seus membros, o cheiro da respiração da sua pele à medida que ficava coberta por um manto de penas. O seu corpo a diminuir, a mudar de forma. Os ossos pesados a estreitarem-se, tornando-se mais leves.

*O doce presente de Keruli é mais do que alguma vez imaginara. Voar! Para longe do que fui. De tudo o que tenho sido! O sofrimento a desaparecer! Oh, eu consigo seguir aquelas duas terríveis criaturas, aqueles pesadelos alados. Eu consigo segui-los, e onde eles se esforçam e arrastam nas invisíveis correntes do céu, eu rodopio, lanço-me e corro como um relâmpago!*

Parado no pátio, Emancipor Reese observou a transformação de Buke com os olhos marejados de lágrimas. Uma névoa do homem, uma submersão para o interior, o ar a encher-se de um odor pungente. Viu o gavião que fora Buke levantar voo numa espiral cada vez mais alta.

— Sim — murmurou ele. — Tu podes voar à volta deles. Mas, caro Buke, quando eles decidirem aniquilar-te, não será num duelo alado. Será através de feitiçaria. Essas gralhas vagarosas não precisam de velocidade, nem de agilidade, e esses presentes não te vão servir de nada quando chegar a altura. Buke... meu pobre idiota...

Muito acima de Capustan, o gavião voava em círculos. As duas gralhas, Bachelain e Korbal Broach, estavam muito mais abaixo mas perfeitamente visíveis para os olhos da ave rapina. Batendo as asas pesadamente através de espirais de fumo, em direção a sudeste, passando o portão oriental...

A cidade ainda ardia em alguns locais, lançando colunas de fumo negro em direção ao céu. O gavião observou o cerco a partir de um ângulo pelo qual todos os generais do mundo dariam a vida. Girando, circulando, observando.

Os tenescowri cercavam a cidade num círculo espesso e fervilhante. Um

terço de um milhão, talvez mais. Uma tal massa de pessoas como Buke nunca vira, e o círculo começara a apertar-se. Um estranho laço corredio incolor, aproximando-se cada vez mais das débeis e desfeitas muralhas da cidade e do que parecia apenas um punhado de defensores.

Não haveria forma de parar esta investida. Um exército marcado não pela bravura, mas por algo muito mais mortífero, algo imparável: a fome. Um exército que não se podia dar ao luxo de fracassar, que via apenas o desperdício da morte na retirada.

Capustan estava prestes a ser devorada.

*O Vidente Pannion é um verdadeiro monstro. Uma tirania de necessidade. E isso vai espalhar-se. Derrotá-lo? Teria de se matar todos os homens, mulheres e crianças deste mundo vergados à fome, toda a gente que enfrenta o terrível sorriso da fome. Começou aqui, em Genabackis, mas este é simplesmente o coração. Esta maré vai espalhar-se. Vai infetar todas as cidades, de todos os continentes, vai devorar impérios e nações a partir do seu âmago.*

*Eu vejo-te agora, Vidente. Desta altura. Compreendo o que és, e no que vais tornar-te. Estamos perdidos. Estamos todos verdadeiramente perdidos.*

Os seus pensamentos foram dispersos por um virulento florescimento de feitiçaria a leste. Um laço de magia familiar rodopiava em torno de uma pequena secção do exército tenescowri. Ondas negras atravessadas por um roxo débil fluíam, cortando centenas de camponeses ululantes. Raios de feitiçaria cinzenta foram disparados em resposta.

Naquele momento, os olhos do gavião avistaram as gralhas gémeas, ali, no meio da tempestade mágica. Demónios irromperam de portais abertos na planície, lançando o caos entre as fileiras ululantes que retrocediam. A feitiçaria contra-atacou, espalhando-se sobre as criaturas.

As duas gralhas mergulharam, convergindo para uma figura sentada num cavalo ruão. Ondas de magia colidiram com um raio negro, o choque tornou-se um trovão que chegou até onde Buke circulava.

O bico do gavião abriu-se, soltando um grito penetrante. As gralhas afastaram-se. A feitiçaria atingiu-as, magoando-as quando se retiravam rapidamente.

A figura em cima do cavalo que pateava estava intocada. Rodeada por pilhas de corpos, nos quais os seus conterrâneos tenescowri mergulhavam agora, para se banquetearem.

Buke soltou outro grito triunfante, curvou as asas e mergulhou em direção a terra.

Chegou ao pátio da propriedade muito antes de Bauchelain e Korbal

Broach, espiralando, diminuindo de velocidade, as asas a cortar o ar. Pairando por um brevíssimo momento, antes de retornar à sua forma humana.

Emancipor Reese não estava à vista. Os soldados mortos-vivos do exército urdo ainda estavam nas posições para onde se tinham erguido inicialmente.

Sentindo-se estranho e pesado no seu corpo, Buke voltou-se para os observar.

— Seis de vocês para o portão... tu... — ele apontou — e aqueles que estão diretamente atrás de ti. E tu, para a torre noroeste.

Continuou a direcionar os guerreiros silenciosos, posicionando-os como Bauchelain sugerira. Quando latiu a última ordem, sombras gémeas traçaram umas trilhas através das pedras. As gralhas aterraram no pátio. As suas penas estavam em frangalhos. De uma delas saía fumo.

Buke observou a transformação, e sorriu quando viu primeiro Korbal Broach — a sua armadura estava em farrapos, densos anéis de fumo envolviam-no —, depois Bauchelain, um dos lados do seu rosto pálido magoado ao longo da sua mandíbula comprida, sangue incrustado no seu bigode e a manchar-lhe a barba grisalha.

Korbal Broach levou as mãos gorduchas e suaves, que tremiam, ao colarinho do seu manto, atrapalhando-se com o fecho. O couro negro caiu ao chão. Ele começou a pisá-lo para extinguir os últimos pedaços fumegantes.

Sacudindo a poeira dos seus braços, Bauchelain olhou para Buke.

— Foste muito paciente por teres aguardado o nosso regresso.

Afastando o sorriso dos seus lábios, Buke encolheu os ombros.

— Não o apanharam. O que é que aconteceu?

— Parece — murmurou o necromante — que temos de refinar as nossas táticas.

Então, o instinto de autopreservação desapareceu quando Buke se riu baixinho.

Bauchelain estacou. Arqueou uma sobrancelha. Depois suspirou.

— Sim, bem. Bom dia para ti também, Buke.

Buke viu-o dirigir-se para dentro de casa.

Korbal Broach continuou a pisar o seu manto muito depois de os pedaços fumegantes se terem extinguido.